



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

LUCIENE ALVES DE CARVALHO

**O RITUAL DE CURA:
EXPERIÊNCIAS DE BENZEDEIRAS DO POVOADO PIAÇAVA-TO**

Tocantinópolis, TO

2025

LUCIENE ALVER DE CARVALHO

**O RITUAL DE CURA:
EXPERIÊNCIA DE BENZEDEIRAS DO POVOADO PIAÇAVA-TO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Me. Laylson Mota Machado

Tocantinópolis, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A474r Alves de Carvalho , Luciene .

O Ritual de Cura: experiências de benzedeadas do Povoado Piaçava-TO / Luciene Alves de Carvalho . - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2025.

53 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Ciências Sociais) --
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Laylson Mota Machado .

1. Benzedeadas. 2. Ritual de Cura. 3. Conhecimento .

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FOLHA DE APROVAÇÃO
LUCIENE ALVES DE CARVALHO

O RITUAL DE CURA:
EXPERIÊNCIAS DE BENZEDEIRAS DO POVOADO PIAÇAVA-TO

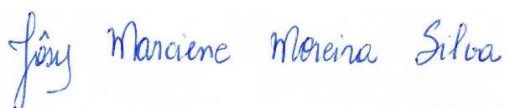
Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais para obtenção do título de Cientista Social e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 07 / 02 / 2025

Banca Examinadora



Prof. Me. Laylson Mota Machado, UFNT



Profa. Me. Josy Marciane Moreira Silva, UFNT



Profa. Dra. Maysa Mayara Costa de Oliveira, UFNT

Tocantinópolis, 2025

Dedico este trabalho primeiramente ao meu Deus, a minha querida mãe Margarida Bispo, meu pai José Alves, aos meus irmãos José Voodzon, Manoel Carlos, Domingos, Valtin, Agostinho, Francisco, Antônio, e ao meu amado esposo Fábio, e ao meu lindo filho Yan Miguel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as coisas que ele tem me proporcionado viver, e por concretizar esse sonho, sem ele nada teria acontecido em minha vida.

Agradeço também a todos os meus familiares e amigos, em especial, Carina Torres e Simone Torres e Lavina que sempre me apoiaram e me estimularam a não desistir e conseguir alcançar esse objetivo.

Agradeço à sabedoria ancestral por me curar e por ser resistência no contexto atual. Sou grata a todas as benzedoras que interviram na minha saúde e da minha família. Agradeço imensamente às benzedoras dona Neguinha (Antônia), dona Maria Futuro (Maria Raimunda) e Lucivânia, pelo aprendizado, conhecimento e fé que permeiam nossas relações. E as ex-benzedoras Dona Benvinda e Dona Luzimar por me confiarem suas experiências de vida quando ainda praticavam o ritual de cura.

Agradeço a todos os professores e coordenadores desta instituição, em nome do meu orientador Laylson Mota Machado, que tanto me ajudou no decorrer da construção desse trabalho, assim como sua atenção, carinho e compreensão.

Agradeço à banca examinadora, Josy Marciane Moreira Silva e Maysa Mayara Costa de Oliveira, por aceitarem realizar a leitura e contribuírem com minha pesquisa de TCC.

RESUMO

A presente pesquisa trata-se do ritual de benzeção como prática popular de cura, a partir das experiências de vida de três benzedeadas do povoado Piaçava, localizado no município de Nazaré, no extremo Norte do Tocantins. A prática do benzimento é culturalmente perpetuada na região, com base em minhas experiências e contato com essa prática que este estudo se desenvolveu, tendo como objetivo geral analisar as práticas de benzimento a partir das experiências de mulheres benzedeadas do Povoado Piaçava e como são perpetuados esses saberes atualmente. Buscando identificar a prática do benzimento como ritual de cura, destacando através das narrativas orais das benzedeadas como ocorre os benzimentos no cotidiano do povoado e de que forma esses saberes são transmitidos para as futuras gerações. Os caminhos metodológicos são guiados pela pesquisa qualitativa, com uso da história oral de vida, observação participante e entrevistas exploratórias. Por meio disso, evidencia-se nesse estudo a importância do ritual de cura e dos saberes exercidos pelas benzedeadas na perpetuação de uma tradição. Entretanto, constataram-se as implicações em transmitir a prática do benzimento para as futuras gerações, dado o desinteresse, a perda em número das mulheres que exercem o ritual e das influências familiares que perpassam atualmente o cotidiano dessa prática ancestral.

Palavras-chaves: Benzedeadas; Ritual de Cura; Conhecimento; Geração; Fé.

ABSTRACT

This research deals with the ritual of blessing as a popular healing practice, based on the life experiences of three healers from the Piaçava village, located in the municipality of Nazaré, in the extreme north of Tocantins. The practice of blessing is culturally perpetuated in the region, based on my experiences and contact with this practice that this study was developed, with the general objective of analyzing the practices of blessing from the experiences of women healers from the Piaçava Village and how this knowledge is perpetuated today. Seeking to identify the practice of blessing as a healing ritual, highlighting through the oral narratives of the healers how blessings occur in the daily life of the village and how this knowledge is transmitted to future generations. The methodological paths are guided by qualitative research, with the use of oral life history, participant observation and exploratory interviews. Through this, this study highlights the importance of the healing ritual and the knowledge exercised by the healers in perpetuating a tradition. However, the implications of transmitting the practice of blessing to future generations were noted, given the lack of interest, the loss in the number of women who perform the ritual and the family influences that currently permeate the daily life of this ancestral practice.

Key-words: Knowledge. Generation. Faith.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Dona Neguinha	28
Imagem 2: Garrafa de água utilizada para tirar sol na cabeça.....	29
Imagem 3: Água e planta para benzimento.....	31
Imagem 4: Pano para levantar arca caída.....	32
Imagem 5: Pedras utilizadas em rezas.....	33
Imagem 6: Tição (pedaço de lenha) usado para curar	33
Imagem 7: Dona Raimunda.....	35
Imagem 8: Pedra, planta e água usadas nas benzeções.....	36
Imagem 9: Dona Lúcia.....	38

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Localização do Povoado Piaçava (TO).....	28
--	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO	12
2 O RITUAL DE CURA E A PRÁTICA DO BENZIMENTO: entre rezas, benzedeadas e fé.....	17
2.1 Perspectivas históricas, culturais e sociais nas formas de cura	17
2.2 O ritual de cura e a prática do benzimento: entre rezas, benzedeadas e fé.....	20
2.3 O ritual de cura e seus oficiais.....	22
2.4 As benzedeadas e suas práticas.....	24
2.5. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: o poder das orações.....	26
3 A PRÁTICA DE BENZIMENTO ENTRE AS MULHERES DE PIAÇAVA	28
3.1 O Povoado Piaçava (TO): contextualizando o lugar da pesquisa.....	28
3.2 “Dom que Deus me deu”: Benzedeadas Antônia Pereira dos Santos	30
3.3 “Só em Deus é que deposito minha fé”: Benzedeadas Raimunda Pinto da Conceição	35
3.4 “Só é capaz de benzer quem tem fé”: Benzedeadas Lucivânia Alves Almeida.....	38
4. NARRATIVAS, SABERES E PRÁTICAS DE CURA: as benzedeadas de Piaçava (TO)	41
4.1. Quando se aprende a benzer: as práticas culturais do ritual de cura	41
4.2 A perpetuação do benzimento em Piaçava (TO): as descontinuidades do ritual de cura	45
4.3 Detentoras da cura: fé, saberes e religiosidade nas benzedeadas de Piaçava	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
5 REREFÊNCIAS	52

APRESENTAÇÃO

Sou mulher nortista, residente do povoado Piaçava, Nazaré-TO, território de babaçuais e cerrado. Sou casada, mãe de uma criança de três anos e discente do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Sou filha e neta de quebradeira de coco babaçu, com família oriunda desse povoado. Minha mãe tem oito filhos, os quais foram criados através dos extensos trabalhos de roças e do coco babaçu.

A minha trajetória escolar começou nessa comunidade, em que finalizei o Ensino Médio em 2005. Após alguns anos, ingressei no curso superior na Universidade Federal do Tocantins, atualmente UFNT. Assim, passei a construir olhares para minha comunidade, através do ritual de cura, realizado pelas benzedeadas.

O meu interesse pela temática com as benzedeadas ocorre por conviver com essa realidade de perto, tendo em vista que o curso de Ciências Sociais foi um dos motores que alavancou uma maior curiosidade em entender essas práticas na minha comunidade e por perceber a diversidade étnica que compõem o Brasil e suas mais diversas culturas. No meu contexto social e familiar, venho vivenciando essas práticas desde o meu nascimento, pois meu parto foi realizado por uma parteira da comunidade, mediante rezas e medicina tradicional.

Cabe ressaltar que essas benzedeadas atravessaram minha infância, adolescência e fase adulta. Assim, como as trajetórias de vida das minhas bisavós, avós e mãe, que utilizavam a medicina tradicional e rezas para curar as enfermidades. No contexto atual, utilizo essas curas ancestrais na saúde do meu filho, por intervenção das benzedeadas da comunidade, logo minhas relações com elas se pautam principalmente por rezas e narrativas que são manifestas durante o ritual. Em nossos encontros, ouço suas histórias de vida, práticas de curas, utensílios e saberes tradicionais.

Nesse sentido, nossas relações foram sendo construídas, por esses vieses e por afetividade em conviver na mesma comunidade. Salvo que as mulheres são protagonistas e detentoras desses saberes de curas ancestrais, logo elas são solicitadas por várias pessoas para benzer/rezar na cura de doenças e preparação de remédios medicinais, assim meu interesse em conhecer essas práticas foi impulsionada pela posição social que elas ocupam no povoado.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é fruto das minhas vivências pessoais com o ritual de benzeção que consiste em práticas populares de cura, que permeiam o meu cotidiano desde o nascimento. O local em que vivencio esses rituais é o povoado Piaçava, localizado no município de Nazaré (TO), onde moram três benzedeadas, que perpetuam esses saberes no tempo presente. Nesse sentido, realizo esta pesquisa a partir das experiências e narrativas das benzedeadas, situando a relação com o catolicismo e as práticas tradicionais.

O fato notável é que nessa região as mulheres são as principais detentoras dos saberes de cura, assim como de outros conhecimentos ancestrais de cuidados com a saúde. No que concerne essas práticas, é importante situar que a população dessa região até a década de 1980, possuía pouco acesso à Saúde Pública, logo os saberes ancestrais detinham primazia para a cura de enfermidade do corpo e da alma, tais como rezas, benzimento e remédios naturais, como chás, garrafadas e raizeiros. Cabe ressaltar que esses saberes também são encontrados nas culturas indígenas, negras, ribeirinhas e camponesas, já que são grupos que possuem uma cultura ancestral e que primam pela manutenção dos saberes tradicionais.

Não obstante, sabemos que o processo de globalização, no século XX, trouxe várias mudanças nos modos de conceber a vida social, sobretudo no que concerne à saúde, com a mercantilização da saúde com a indústria farmacêutica, afetando os meios tradicionais de cura das doenças. Essas mudanças são reflexas do dinamismo cultural que abarca a vida em sociedade, sendo que cada sistema cultural está sempre em transformação. Fica evidente que, compreender esta dinâmica é extremamente importante para diminuir o choque entre as gerações e evitar condutas consideradas como preconceituosas. Da mesma forma, é essencial para a humanidade a compreensão das diferenças entre os povos e culturas distintas, é necessário saber entender as especificidades que acontecem dentro do mesmo sistema (Laraia, 2006).

Apesar das mudanças culturais do povoado Piaçava, algumas mulheres benzedeadas ainda perpetuam seus saberes, resistindo às investidas das ciências médicas com todo seu aparato moderno. Contradizendo os prognósticos sobre o seu desaparecimento, essas crenças se mantêm como contínuas com curas tradicionais e prescrições que procuram atender às necessidades do indivíduo. Ou seja, as benzedeadas são mulheres que carregam em seus corpos esses saberes.

As rezadeiras, benzedeadas ou até mesmo curandeiras, são mulheres que conseguem realizar as benzeduras buscando sempre curar o indivíduo doente de alguma enfermidade, e para dar cumprimento a esta prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular,

utilizando “súplicas” e “rezas”, que tem finalidade de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda (Diniz, 2018). As rezas são um dos principais traços de cura de doenças em regiões do interior, tais como quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída e peito arrotado. Enfermidades essas que na cultura popular são realizados procedimentos terapêuticos sob as mãos das benzedeiros. Em que as benzedeiros são procuradas para realizar seus rituais de cura, assim como outras formas de benzeções.

Segundo Maciel (2006), o benzimento é uma das práticas mais antigas de cura de doenças, no qual incidiu no surgimento de benzedores/as a partir do século XVI. E mesmo com o avanço da medicina ocidental, essas práticas ainda resistem e se ressignificam nos diferentes contextos históricos da sociedade. Ligado às discussões no contexto do povoado Piaçava, elaboramos o seguinte problema de pesquisa: Como ocorre a prática do benzimento no Povoado Piaçava (TO) e de que forma esses saberes são transmitidos atualmente?

Logo, o objetivo geral da seguinte pesquisa é: analisar as práticas de benzimento a partir das experiências de mulheres benzedeiros do Povoado Piaçava, no município de Nazaré (TO) e como são perpetuados esses saberes. Tendo por objetivos específicos: identificar a prática do benzimento como ritual de cura; compreender a partir das narrativas de benzedeiros do Povoado Piaçava (TO) a transmissão das práticas do benzimento; investigar como ocorrem os benzimentos no cotidiano nas benzedeiros e de que forma essa prática cultural é perpetuada atualmente.

A prática das benzeções é comum no Brasil, atrelada ao catolicismo popular e ao tradicionalismo que compõe essa cultura, pois essas práticas são manifestadas por romarias, ofícios, rezas em casas, perambulações, devoções, dentre outros. Conforme tais afirmativas considero que o estudo sobre as rezadeiras é de suma importância social e acadêmica, pois se trata de práticas culturais ancestrais que vem resistindo há décadas nessa comunidade, além de evidenciar os saberes e ressignificações desses rituais pela religiosidade sincrética (Mendes, 2018).

Esses estudos permitem um maior entendimento da identidade de determinada sociedade, sobretudo, visando o entendimento da memória coletiva de uma sociedade. Além de entender o papel que exercem em união às camadas populares das suas comunidades, no qual vemos essas mulheres como autênticas guardiãs das memórias de uma geração e população, através da preservação desses saberes.

Comecei o interesse pelo assunto por conviver com essa realidade bem de perto, como foi explanado anteriormente. Sem dúvidas, o curso de Ciências Sociais foi um dos motores que alavancou uma maior curiosidade em entender essas práticas na minha

comunidade e por perceber a diversidade étnica que compõem o Brasil e suas mais diversas culturas. No meu contexto social e familiar, venho vivenciando essas práticas desde o meu nascimento, pois meu parto foi realizado por uma parteira da comunidade, por meio de rezas e medicina tradicional. Entretanto, é importante ressaltar que essas benzeções atravessaram minha infância, adolescência e fase adulta.

Simultâneo a essas práticas de cura é necessário pensar na pluralidade que ao que vem ser cultura no Brasil, além de compreender que tal inquietação pode ser discernida dentro do novo campo historiográfico, a qual, por meio dele pode-se debater a produção, sobretudo da chegada da cultura como componente de análise histórica (Silva, 2009). Ou seja, consideramos que os rituais e culturas dessas benzedeadas não podem ser deixados e esquecidos, mas sim valorizados.

Ainda conforme Silva (2009), a cultura ganha lugar por meio de novos componentes e fontes, dentre elas a justaposição da história cultural ao lado da história social, que, por meio deste diálogo, traz novos olhares acerca das mudanças culturais e seu dinamismo. Estudar o ofício da reza e seu ritual é ir além de um viés cultural, religioso e social, pois esse ofício se intitula como uma amostra da cultura popular, no qual abrange signos e rituais vistos como riqueza cultural em um tempo em que a modernidade está tomando conta de todos os processos.

Os caminhos metodológicos deste estudo seguem a metodologia de pesquisa qualitativa, na qual responde a questões muito particulares, em que engloba os fenômenos sociais e suas particularidades (Mynaio, 1994). Buscando apresentar as trajetórias de vida das benzedeadas de Piaçava, utilizamos o método da História Oral, buscando, por meio das oralidades, apresentar as experiências de vida das interlocutoras desse estudo. A partir das histórias de vida de Dona Neguinha, Dona Raimunda e Dona Lúcia, por esse método “[...] tratar da narrativa de um conjunto de experiências de vida de uma pessoa” (Meihy, 1998, p.197) contribuiu para alcançar os objetivos desse estudo, pois através das narrativas orais das benzedeadas compreendemos todo o processo sociocultural da prática da benzeção e as formas como esses saberes tem se perpetuado no povoado.

A primeira entrevista foi realizada, no dia 11 de fevereiro de 2024, com a benzedeadas Antônia Pereira dos Santos, de 77 anos, conhecida popularmente como “Neguinha”, residente no povoado de Piaçava. O intuito foi obter maiores conhecimentos sobre os rituais e métodos dessa prática, assim foi realizada um pequeno questionário sobre as informações pessoais e seu histórico como benzedeadas, onde surpreendentemente ela relatou detalhadamente todos os

pontos essenciais para a construção do trabalho, bem como o início da sua trajetória e seu reconhecimento na região onde mora.

A segunda entrevista foi realizada no de 06 de abril de 2024, com a benzedeira Maria Raimunda Pinto da Conceição de 74 anos, nascida em 15 de março de 1950, na cidade de Grajaú, Estado do Maranhão, morou por bastante tempo na cidade de Porto Franco (MA), e posteriormente mudou-se para o povoado de Piaçava.

A terceira entrevista foi realizada, no dia 16 de abril de 2024, com a benzedeira Lucivânia Alves Almeida de 53 anos, mais conhecida como “Lúcia”, nascida em 10 de março de 1971, no povoado Piaçava, Estado do Tocantins, com ajuda de uma parteira, todavia, Lúcia sempre morou no Tocantins, também morou por alguns anos na cidade de Tocantinópolis para poder trabalhar e estudar na casa de sua madrinha.

Para além das entrevistas, foram observadas e compreendidas as práticas de benzimento, já tendo sido acompanhada por mim no cotidiano do povoado. Dessa forma, as observações dos rituais e sua utilização em minha própria vivência foram fundamentais para compreender os processos e organizações das práticas de benzeção, com uso da observação participante (Cruz Neto, 1994) e de conversas informais com as benzedeiros e/ou entrevistas exploratórias¹ (Tompson, 1992).

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo “*O ritual de cura e a prática do benzimento: entre rezas, benzedeiros e fé*” tratamos do processo cultural da cura no seu contexto histórico e social, entendendo a dimensão teórica que essa área do conhecimento tem se dimensionado dentro das Ciências Sociais, adentrando nas vivências das benzedeiros do povoado Piaçava. Buscando elencar as perspectivas da cura no processo histórico da formação da sociedade, elencando dentro desse processo até a chegada do debate perpetuado pela prática do benzimento. As perspectivas entre ritual e cura serão apresentadas a partir dos saberes e fazeres construídos e apreendidos pelas benzedeiros.

No segundo capítulo, “*A prática do benzimento entre as mulheres de Piaçava*”, são apresentadas a partir das narrativas orais as histórias de vida das três benzedeiros entrevistadas para a composição deste trabalho. Ressaltando que as três residem atualmente no povoado de Piaçava, e que isso não atrapalha a vida social das mesmas. Elas mencionam a importância

¹ “A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo idéias e informações. Com a ajuda destas, pode-se definir o problema e localizar algumas das fontes para resolvê-lo” (Thompson, 1992, p. 254). Aqui utiliza-se as entrevistas exploratórias os momentos anteriores a aplicação das entrevistas orais em que foram gravadas e transcritas, as entrevistas exploratórias ocorreram no cotidiano entre as trocas e conversas que tive com as benzedeiros que me auxiliaram nos percursos metodológicos guiados nesse estudo.

dos rituais de cura para a sociedade e da forma como eles estão sendo cada vez mais esquecidos, relatando suas trajetórias, suas experiências e um pouco de como os rituais são realizados.

No terceiro capítulo, “*Narrativas, saberes e práticas de cura: as benzedeadas de Piaçava (TO)*”, apresentamos como ocorrem os benzimentos no cotidiano das benzedeadas e de que forma essa prática cultural é perpetuada atualmente. Para isso, destacamos como esses saberes apreendidos enfrentam um processo de apagamento em seu processo de perpetuação desse ritual. Através das narrativas das benzedeadas de Piaçava (TO), entende-se como o benzimento não se perpetua para as próximas gerações, isso implica num processo de como a transmissão desses saberes enfrenta uma série de desafios no contexto atual.

Por meio disso, esse trabalho busca apresentar como os saberes culturais e as práticas de cura realizadas pelas benzedeadas do Povoado Piaçava dizem respeito a práticas ancestrais que remontam a identidade sociocultural da região. Com isso, a partir das narrativas orais das benzedeadas, registramos como essa prática é essencial e fundamental para a comunidade e como esses saberes atualmente enfrentam processos incertos em relação à perpetuação de sua tradição.

2 O RITUAL DE CURA E A PRÁTICA DO BENZIMENTO: entre rezas, benzedeadas e fé

O presente capítulo tem como objetivo entender o processo cultural da cura em seu contexto social, histórico e social. Buscando elencar as perspectivas da cura no processo histórico da formação da sociedade, elencando dentro desse processo até a chegada do debate perpetuado pela prática do benzimento. As perspectivas entre ritual e cura serão apresentadas a partir dos saberes e fazeres construídos e apreendidos pelas benzedeadas, dessa forma, neste capítulo entenderemos a dimensão teórica que essa área do conhecimento tem se dimensionado dentro das Ciências Sociais, para posteriormente adentrarmos nas vivências das benzedeadas de Piaçava (TO).

2.1 Perspectivas históricas, culturais e sociais nas formas de cura

Segundo Miranda (2017), os indígenas tinham amplos conhecimentos no que se refere às ervas medicinais como forma de cura. Essa característica também foi observada nas populações africanas, onde o processo de colonização refutou esses saberes nos jesuítas. É importante situar que a colonização foi violenta às populações indígenas e africanas, que reverbera na atualidade pela colonialidade. Esses fatos manifestam uma vez o hibridismo cultural, edificado pelas explorações da colônia. Esses conhecimentos populares foram transcorridos por gerações, e posteriormente as pessoas que faziam uso dessas práticas medicinais passaram a ser conhecidas como benzedeadas/rezadeiras.

No Brasil colonial, os elementos oriundos da fauna e da flora, que já eram utilizados pelas populações indígenas em suas práticas de cura, passaram a ser incorporados, primeiramente, pelos Jesuítas e, posteriormente, pelos agentes da medicina oficial. A partir da chegada dos africanos com suas artes curativas, o receituário da Colônia se tornou ainda mais complexo e híbrido passando a ser empregado pelos médicos, cirurgiões, barbeiros, curandeiros e benzedores. A intensificação do processo de ocupação da Colônia, em meados dos séculos XVII e XVIII, favoreceu ainda mais a junção desses conhecimentos (Miranda, 2017, p.288).

Essa extensa modificação cultural religiosa, beneficiou no domínio popular para o desenvolvimento dos rezadores, curandeiros e benzedores, que, por sua vez, com o conhecimento baseado na experiência religiosa e mágica as pessoas procuravam curar aqueles que o buscava, nesse momento as pessoas apresentavam receio dos insuficientíssimos médicos que havia, conforme descreveu Miranda (2017), e percebiam que seria mais seguro apelar pelo auxílio de rezadores.

O crescimento da religiosidade popular, no século XVIII, com traços católicos, africanos, indígenas e judaicos, favoreceu, ainda mais, o aumento do número de

curandeiros, rezadores e benzedores que, com palavras mágicas e santas, procuravam curar os doentes e afastar os maus-olhados (Miranda, 2017, p.295).

Conforme Del Priore (2004), nessa época, as mulheres negras no quilombo continham um desempenho extremamente relevante na sustentação da existência e convivência. Eram mulheres determinadas, perseverantes e firmes que estavam sempre encarando os perigos junto aos seus parceiros. Elas se encarregavam de preparar o homem para ir caçar, com banhos de ervas, talismãs que o livraria do mal, e a elas incumbia o papel de cuidar de machucados e doenças das pessoas no decorrer do quilombo, através do conhecimento das ervas medicinais, invocação e oração aos deuses.

O grande conhecimento das benzedoras é uma conexão de diversos conhecimentos de propriedade popular, que apresentaram como subsídios a religião cristã, religião de raízes africanas, a religião judaica, e as devoções indígenas, ou seja, informações sobre os tipos de conhecimentos religiosos culturais de diversos povos. Esses saberes que compõe a base religiosa das benzedoras foram passados de geração para geração (Del Priore, 2004).

Contudo, no decorrer do final do século XVI, chega-se ao domínio “a caça às bruxas”, que caçava indivíduos indiciadas por bruxaria e feitiçaria, para examiná-las, interrogá-las e até condená-las. O conselho do santo ofício, chamado na maioria das vezes de Tribunal do Santo Ofício, caçava também, rezadoras, benzedoras, uma vez que obtinham muitos conhecimentos considerados na época de mágicos, de invocação e cura, por sua vez, foram trazidas como bruxas e feitiçarias. Com o costume e prática das benzedoras por determinada parte proibidos, elas já não tinham mais permissão para exercer seu ofício como antes, o que consequentemente ocasionou a redução do número de benzedoras, porém ainda assim persistiam em expandir a quantidade de pessoas que recorriam aos serviços da conhecida medicina popular, em outras palavras, do ofício das rezadoras. Isso define e exhibe que tipos de afinidade essas pessoas tinham com a comunidade em que viviam (Miranda, 2017).

Uma boa parte das pessoas acreditavam que existia pessoas especiais que tinham a capacidade de curar, e que essas tais pessoas conseguiriam cuidar tanto do corpo físico como também da alma, e nesse pensamento a aderência popular sobre as curandeiras e rezadeiras, era ampla.

Origem de consolo para as classes desfavorecidas, as fontes milagrosas ou “operações mágicas” revelavam uma outra racionalidade, repousada na crença de que certas pessoas, ou coisas, detinham poderes sobrenaturais em relação aos usos do corpo. Semelhante mentalidade era incorporada pela medicina e Igreja, que perseguiam as práticas populares de cura mágica, tentando substituí-las por um discurso espiritual e intensificador do fervor religioso. Nesse quadro, era sugerido que as curandeiras fossem substituídas por Nossa Senhora (Del Priore, 2004, p.91).

Em meio à classe médica pequena que existia no por volta dos séculos XVI e XVIII na colônia, uma grande multiplicidade desses poucos médicos não eram totalmente bem habilitados e com boa qualificação, desse modo, no que diz respeito ao tratamento de doenças, muitos tinham pouquíssimos conhecimentos sobre o corpo feminino. Os médicos e a Igreja integravam todo e qualquer tipo de doenças a iniquidade e ao ato de pecar, de maneira que as doenças decorriam da amostra de Deus como uma penalidade pelos erros cometidos.

Perante isso, se tratar com benzedoras era a melhor alternativa para os indivíduos que necessitavam, além de que era admissível encontrar benzedoras, por todo lugar, seja nas zonas rurais ou povoados (Del Priore, 1986). Com o passar dos tempos, as benzedoras passaram a ser alvo de investigação, mesmo obtendo diversas manifestações e rezas de ascendência cristã no ofício delas, ainda tinha muitos apoios e práticas religiosas de outras religiões diferentes. As palavras e ritos manifestados pelas benzedoras foram considerados como inspiração demoníaca, perante isso as benzedoras e curandeiras eram vistas como bruxas e feiticeiras pela inquisição.

Curandeiras e benzedoras que curavam com “orações, benzimentos, rezas e palavras santas”, pertencentes ao monopólio eclesiástico, passaram a ser sistematicamente perseguidas, pois as palavras que empregavam eram consideradas, sobretudo pelos inquisidores do Santo Ofício, de inspiração diabólica. O exemplo da mameluca Domingas Gomes da Ressurreição, moradora do Grão-Pará em 1763, e uma boa ilustração do problema. Angariando fama por curar erisipela e quebranto, Domingas seguia um ritual que incluía pronunciar as seguintes palavras: “Dois olhos mais te deram, com três te hei de curar, que são três pessoas da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo”, e, enquanto fazia cruces sobre os enfermos, “rezava um Padre Nosso e Ave Maria a paixão e morte do Nosso Senhor Jesus Cristo” (Del Priore, 2004, p.92).

Na fantasia da colonização está presente a figura do Demônio que distinguia que havia exclusivamente dois lados, Deus e o demônio, e tudo aquilo que não se adaptava no que se refere aos pré-requisitos das características da religiosidade cristã colonizadora, era visto como subalternidade e como parte diabólica (Souza, 1986).

Ainda com as visitas desumanas, ainda era complexo desintegrar a religiosidade da colônia da bruxaria e da feitiçaria, religião pagã e amostras culturais indígenas, a ocorrência da categoria mais carente ter conhecimento empírico, dessas manifestações religiosas, fazia com que a religiosidade da América Portuguesa fosse heterogênea como diz Souza (1986).

Como o imaginário do descobridor europeu, como a religiosidade popular, da qual fazia parte, a feitiçaria colonial era multiforme e heterogênea, construída basicamente por duas partes que integrava um mesmo todo: um fundo de práticas mágicas características de culturas primitivas, (africana e indígena), um fundo de práticas mágicas características das populações europeias, fortemente impregnadas de um paganismo secular que pulsava sobre a cristianização “imperfeita” (Souza, 1986, p.375).

Sobre isso, é compreensível que a constância do ofício das benzedoras se deu pela sua persistência, e através da sua grande importância expressiva para as pessoas no meio que conviviam. O conhecimento obtido através do empirismo se torna de ampla seriedade social, fundamentado em uma herança cultural de diversas religiões, o que conseqüentemente admitiu que as rezadeiras e benzedoras continuassem.

2.2 O ritual de cura e a prática do benzimento: entre rezas, benzedoras e fé

De acordo com Nery (2011), na crença popular, a benção, ou meramente a benção, é vista como um ritual de cura. Existem benções para doenças características e outras que servem para qualquer tipo de doença. Geralmente, antes da benção, coloca-se um copo com água no local onde se realiza o ritual e no final a pessoa abençoada deve tomar essa água, respeitada e vista como água benta. No qual a água benta faz parte da doutrina católica. Os sinais praticados pelos benzedores são todos análogos ao da religião católica: eles rezam fazendo o sinal da cruz. Suas rezas, na maior parte das vezes, são deturpações das orações legitimadas pela igreja, intercaladas de palavras enigmáticas. No período em que estiver sendo benzido, o doente não precisa cruzar os pés ou as mãos. Habitualmente, a benção é realizada mais de uma vez, o que depende do mal que se agride. No que se refere a doenças como cobreiro, por exemplo, é necessário benzer até três vezes para que ele seque.

Ainda conforme Nery (2011), a quase totalidade das rezas são oriundas de Portugal e foi aqui seguida e recriada. Em algumas vezes, a mesma reza tem alterações de um para outro local, como as rezas para a cura do cobreiro, uma doença dolorida da pele, caracterizada com manchas de bolhas coloridas. “São bolhas de pus que provocam muita coceira e podem cobrir o corpo todo e levar à morte”, explica o senhor Sebastião Oliveira, 67 anos, benzedor da cidade de Tapuirama, um distrito da cidade de Uberlândia. Todos concordam que o cobreiro é oriundo de algum animal venenoso como a aranha, a lagartixa ou o sapo, e quando estes bichos passam em cima de uma roupa estendida no quintal podem ocasionar o cobreiro.

Existem várias formas de curar essa doença: uns fazem cruces com tição de fogo por cima do cobreiro, outros passam um ferro quente em um pano que, conseqüentemente, é colocado quente no cobreiro ou agulha e pano. Todos fazem alguma benção com suas rezas e orações que, apesar de variadas, ocasionam sempre algumas linhas de afinidade (Azevedo, 1981).

Uma característica que os curandeiros e rezadores possuem em comum: qualquer que seja a reza, ela necessita ser feita sempre em direção ao sol. Muitos também usam o talo da mamona e a faca que eles passam sobre as manchas, no decorrer da benzeção (Souza, 1989).

Ainda estudando sobre rezadores, Souza (1989) destaca em suas pesquisas que existem múltiplos outros males no mundo mágico das benzeções, a espinhela caída, para a maioria, ou peito caído, peito aberto, ou ainda, arca caída, para outros, é motivada, de acordo com a crença popular, pela quantidade de peso que a pessoa pega. As benzedoras trazem na ponta da língua o esclarecimento do que seja a espinhela: é um ossinho mole que vem do coração, disse Tereza Gomes Rodrigues, benzedora da comunidade rural de Rio das Pedras. Todas concordam com os presságios da doença: dor nas pernas, na região do tórax, nas costas e no estômago. A doença dá mais em pessoas já adultas e a cura deve ser procurada na benzedora, que primeiro trata o vento caído, tomando as medidas necessárias e rezando. Em seguida reza a oração própria da espinhela caída, assentando um objeto de ferro na mão da pessoa. A medida é feita da seguinte maneira: com uma linha de algodão mede do dedo anelar até o cotovelo, tomando este tamanho duas vezes passa o fio na cintura da pessoa, se passar ou faltar um palmo, a espinhela está caída.

Há diversas outras formas da oração, segundo a região do benzedor. Azevedo (1981), estudando plantas medicinais e benzeduras, nos conta como a benzedora Geralda Preta, da cidade de Bocaiúva, interior de Minas Gerais, faz a sua oração: Barquinho de Santa Maria está no mundo sem parar/ levantando a sua espinhela, as suas arcas/ põe tudo em seu lugar/ sua espinhela, suas arcas a seus ventos.

Enquanto as benzeções são limitadas a algumas pessoas selecionadas na comunidade e acontece de forma particular, as simpatias se diferenciam por ser qualquer solução material que pode ser utilizada pelas pessoas em geral, para impedir o mal e alcançar o bem, modificando o curso dos eventos. O valor da benzeção habita justamente na sua privacidade e no fato de transmitir-se entre os escolhidos, sendo, pois, vantagem de uma pequena quantidade de iniciados. Já nas simpatias não existe necessidade de uma pessoa especial (Gomes; Pereira, 1989).

Existem outras circunstâncias bastante frequentes e manifestas, por exemplo, para os bebês com soluço deve-se colocar um pedaço de papel ou fiapo de coberta encharcado em saliva da própria mãe em sua testa e o soluço acabará. Para as crianças que não desenvolvem a fala no tempo esperado (a partir de 12 meses de idade), há diversas soluções: tomar a água da primeira chuva de janeiro, tomar água na campainha (ou sineta) da igreja, pegar um ovo de galinha caipira, quebrar e servir para a criança, e dar água para beber, na casca do ovo, durante

três sextas-feiras seguidas. Já para a criança que não caminha no primeiro ano de vida deve-se pegar uma rama de batata doce com a raiz, colocá-la no chão e dar três pequenos cortes, reproduzir por três sextas-feiras seguidas, na última plantar pela manhã ou ao meio-dia, nunca à tarde ou noite, segundo ela crescerá a criança passa a andar. Se o que se quer é tirar medo de criança, o jeito é escolher três portas tomando a direção da rua, colocar a criança embaixo de seu umbral, varrer em torno da criança e dizer “que varre o medo da criança”, repetir a mesma situação nas duas últimas portas, até varrer o medo para a rua (Megale, 1999).

O prego é visto como um instrumento bastante comum nas simpatias. O gesto mágico de golpear um prego numa árvore para livrar de febre, dor de dente e hérnia, já havia na Europa antiga, pré-cristã e persiste até atualmente. Logo que uma simpatia tradicional, para reduzir o umbigo grande da criança, a mãe deve bater um prego novo num cupim. Na medida em que o prego some, pela ação do cupim, o umbigo vai diminuindo (Souza, 1989).

São inúmeros os tratamentos naturais populares que existem, em muitas doenças, as causas e os remédios são vários. A benção, juntamente com o remédio, tem como desígnio salvar o doente como um todo. Mesmo não apartando vida e religião, ou o profano e o sagrado, essa gente sabe muito bem a contestação entre um remédio e uma oração. A reza, a simpatia e o remédio, que não se contestam em momento algum, nem se separam no tratamento da pessoa doente, formam o sagrado, o sábio e o adequado tripé da medicina popular. Eles fazem parte do atuar lógico dessa gente simples e humilde que faz a benzeção em nosso país (Oliveira, 1985).

2.3 O ritual de cura e seus oficiais

No instante em que ouvimos falar sobre indivíduos que procuram uma benzedeira ou um benzedor para curar tal enfermidade, quer seja ele do corpo ou do espírito, espontaneamente compreendemos continuamente a figura de senhores e senhoras com galhos na mão, manejando determinados movimentos e anunciando algumas palavras que ocasionam uma determinada cura. Entretanto, pouco se reflete sobre quem são essas senhoras e senhores e onde adquiriram determinado conhecimento e tais ritos que empregam até hoje e como conquistaram a confiança em suas comunidades. Tais interrogações permitem que reflitamos sobre esse ritual de reza que faz parte das lembranças dos possuidores desse ofício (Teixeira, 1997).

É na familiaridade da prática de cura e do seu rito que as benzedeadas e benzedores, enquanto um ofício da mitologia popular, tomam espaço. Seus sinais, alegorias e técnicas são

anexos que distinguem o ofício dessas pessoas, onde eles, procedendo de suas memórias, são manifestos entender como essas declarações submergem no habitual das comunidades onde eles estão inseridos (Mott, 1997).

Seguindo esse ritual, podemos entender que os benzedeiros comprovam sua analogia, eles as distinguem enquanto sujeito, e proporcionam sentido ao lugar deles, enquanto benzedores. Conforme os estudos de Sales (2007, p. 267):

Ao tratar sobre esse ritual, percebe-se que, na sua maioria, as detentoras desses saberes, por mais que seja ensinado a elas, seu ofício advém de um dom divino, ou seja, suas práticas de cura partem da relação entre a rezadeira ou rezador e a sua intimidade com o sagrado.

De tal modo, cabe refletir o ritual de cura que essas pessoas realizam, como uma expansão de sua transação com o bendito e com a sociedade, uma vez que elas servem como intercessoras entre o exercício de cura e a crença que a pessoa que a procura tem. É nesse ponto de vista que se nota como esses senhores se entregam e se importam dando sentido a suas atividades e ganham reconhecimento, uma vez que, diante da essa crença, cuja se aprofunda com o sagrado cristão, uma parte daqueles que o perfilham enquanto sábios no que se refere à cura, têm uma analogia de fé para com eles. Conforme Sales (2007), em seus estudos, apresenta que esses ritos de cura ao tratar dos benzedeiros/as podem ser levados adiante seguindo duas características:

As formas utilizadas pelas rezadeiras apresentam basicamente dois caracteres: as orações de proteção e de intuito curativo [...] Dentro do grupo terapêutico temos as rezas que destinam o caráter de cura diretamente a entidade religiosa e as que revelam a figura da rezadeira como intermediária para o fim dos males e as palavras sem apelo católico declarado (Sales, 2007, p. 268).

Em meio aos cerimoniais de cura dos benzedores/as, analisa-se como uma amostra da mitologia popular instala-se no habitual dos indivíduos, quer seja pela procura de uma determinada cura ou amparo sobre suas vidas e atos. A imagem dos benzedores, no período em que são considerados guardiões dessa sabedoria, permite entender como o seu respeito é alcançado, entre eles o uso de alguns emblemas, como os desenhos das imagens dos santos católicos e as suas orações cristãs, mesmo sem o convite ritualístico (Quintana, 1999).

A consecutiva prática da reza e seu cerimonial de benzeção, que se compreende como um ato de benzimento, apresenta uma analogia entre o que é sagrado e o que se considera terreno. Uma vez que, no instante em que os benzedores que operavam desde a colonização, se sustentou a afinidade íntima entre esse ofício da benzeira e o que se caracteriza como sagrado do catolicismo oficial, sobretudo nessas regiões interiores, originando, assim, uma

importância e principalmente reconhecimento do ofício da reza, em determinadas localidades no qual esses senhores e senhoras agiam (Eliade, 1991).

O cerimonial da reza, quando observamos e analisamos ele, entendemos as orações mais variáveis possíveis e compreendemos como elas são dirigidas notadamente para dificuldades coloquiais, como exemplo o mau-olhado, que ocasiona cansaço no outro e é compreendido como algo adquirido por meio de olhares expressivamente contraproducentes negativos que as pessoas fazem sobre o outro. Aqueles que acreditam constantemente nesse mal, sempre buscam por uma benzedeira, pois avaliam elas a intercessão para cuidar de todas as enfermidades do corpo, assim como também as enfermidades do espírito. Dessa forma, consideramos a oração das benzedeadas e benzedores enquanto uma forma de cura, não exclusivamente como alguma coisa privada, porém, também, grupal, uma vez que seu desígnio é ocasionar a cura de uma determinada moléstia. Essa moléstia ou doença não é descoberta como uma propriedade distinta da sociedade, pelo contrário, a doença está completamente integrada ao meio social, e a partir daí os rezadores conseguem agir enquanto meio de cura (Theotonio, 2010).

O ato da reza enquanto amostra popular, dentro do que entendemos a vastidão do que é conhecido, nos convida a entender que essas tradições têm ritos formidáveis e por mais que jaza no domínio de estudos folclóricos, quando colocamos essa prática como componente histórico, buscamos sempre entender que a mitologia popular circunda nossa sociedade, e está presente no dia a dia das pessoas, principalmente nas regiões do interior e nas zonas rurais das cidades. Dessa forma, vale analisar e olhar para o ofício de rezador/benedeira como uma espécie de tradição admissível desse julgamento, e que sua reza, componente principal de seu trabalho, possui uma função essencial na busca pelo caminho para entendermos da dimensão da sua prática cultural (Miranda, 2017).

2.4 As benzedeadas e suas práticas

As rezadeiras ou benzedeadas são mulheres, ou até mesmo homens, que possuem a capacidade e o conhecimento de realizar as benzeduras, termo este que compreende um repertório material e característico que pode ser bastante compreensivo. Para executar esta prática, elas ativam conhecimentos do catolicismo popular, como “pedidos” e “preces”, para restaurar o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que procuram a sua ajuda. Para unir e apresentar este ritual de cura, as benzedeadas podem aproveitar múltiplos subsídios e acessórios, entre eles: ramos verdes, sinais em cruz concretizados com a mão direita, agulha,

linha e pano, além do conjunto de rezas. Estas podem ser concretizadas na presença do cliente, ou à distância. Em seu ofício, de extenso reconhecimento, essas mulheres “rezam” as enfermidades de pessoas, animais ou objetos, bastando exclusivamente que alguém diga os seus nomes e onde moram (Miranda, 2017).

Apesar de que, para se obter conhecimento de que as benzedeadas estão presentes em diversas regiões do Brasil, é no Nordeste brasileiro que essa prática admite uma dinâmica cultural característica e extremamente periódica. Na literatura, o termo benzedeadas classifica a mulher que efetua a cura por meio de benzimentos, como pode designar a prática da reza. Dessa maneira, é trivial encontrar, na literatura que trata sobre esse tema, diversas formas utilizadas para determinar as mulheres que rezam. Em suas pesquisas, Câmara Cascudo (2001), por exemplo, assim as determina no seu Dicionário do Folclore Brasileiro: “Mulher, geralmente idosa, quem tem ‘poderes de cura’ por meio de benzimento” (Cascudo, 2001, p. 587).

Diversas pesquisas realizadas pelo professor e pesquisador Roque (1946), na região do Baixo Alentejo – Portugal, ressaltaram que a prática da reza nessa localidade se assemelha ao contexto das benzedeadas em estudo, principalmente em relação ao processo terapêutico. Algumas doenças e os rituais de cura expostos pelo autor são espontaneamente notados entre as benzedeadas em questão. Como exemplo, com base nos dados disponibilizados por Roque (1946) sobre o “cobreiro”, foi possível analisar as semelhanças com uma doença conhecida pelo mesmo nome, tratada pelas benzedeadas de Cruzeta/RN.

No que se refere o uso dos números nas fórmulas mágicas dos rituais de benzimentos no decorrer do período da Idade Média em Portugal, Bethencourt (2004) relata que “o número cinco, era utilizado, por um lado, como símbolo da totalidade do mundo sensível, por outro como referência às cinco chagas de Cristo” (Bethencourt, 2004, p. 137-138). A petição alusiva que se faz às intoleráveis dores de Jesus é, em outras palavras, na intenção de chamar sua absolvição. Exibe também que a figura da mulher é definida nesse tipo de prática, o que vai ao encontro da afirmação disponibilizada pela historiadora Beatriz Weber (1999), em seus estudos realizados no Rio Grande do Sul, no período de 1889 a 1928: “as mulheres exerciam um papel fundamental em relação aos cuidados com a saúde, tanto na família como na vizinhança, surgindo como figuras mais atuantes” (Weber, 1999, p. 190).

Para Mary Del Priore (2007), no artigo “*Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino*” exibe dados históricos expressivos que auxiliam no entendimento mais claro da prática das benzedeadas no decorrer do período colonial. Nesse período, devido à ausência do profissional médico, as mulheres apelavam às curas simples por meio de fórmulas gestuais e

orais ancestrais, para restabelecer a saúde. Ainda além desses tipos de conhecimentos, “havia os saberes originários da África, fundamentados no uso de talismãs, amuletos e as consagrações indígenas, embasadas na intimidade com a flora medicinal brasileira” (Del Priore, 2007, p. 89). Continua a autora pronunciando que “conjurando os espíritos, curandeiras e benzedoras, com suas palavras mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos”.

Em algumas localidades, as mulheres que rezam são conhecidas como “benzedoras”, em outros como “curandeiras”, e noutros como “rezadeiras”, como Cruzeta/RN. No Tocantins também é a mesma situação, logo, optou-se pelo uso da palavra benzedora, tendo em vista ser o termo mais usado tanto pelas pessoas dessas comunidades como pelas próprias benzedoras, uma vez que elas se caracterizam dessa maneira.

2.5. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: o poder das orações

A benzeção abrange a crença no poder mágico da palavra, uma vez que o benzedor ou benzedora possui a capacidade de alterar uma realidade (em desordem) empregando-se orações recitadas, sempre seguidas por gestos e objetos característicos. A crença no poder curativo da palavra, manifestada através das orações, descobre raízes em diferentes tradições que se encruzaram nas terras brasileiras, nas quais a oralidade é/era um dos principais subsídios de conservação da cultura. Tanto entre os povos ameríndios quanto entre os africanos, podemos mencionar a forte oralidade presente nos rituais mágicos de cura. Até mesmo os portugueses, católicos fervorosos, envolveram a crença no poder curativo da palavra. Dessa forma, fica mais fácil abrangermos o poder imposto aos benzedores e às benzedoras, que, mediante orações, compõem a saúde dos enfermos (Moura, 2011).

Ainda de acordo com Moura (2011), as orações dos benzedores e das benzedoras, que de certa forma são sustentadas e recheadas de expressões próximas do cotidiano, constituem uma relação direta com os intermediários entre Deus, ou deuses, e os humanos, o que de certa forma depende de onde está depositado a fé. Nelas são agregadas frases imperativas que pedem a cura, ao mesmo tempo, em que são mencionados os males a serem erradicados. Além disso, observamos que a reprodução de alguns versos parece funcionar como o mecanismo de mantras.

Conforme Oliveira (1992), a linguagem popular presente nas orações apoia a singularidade e a autonomia dos agentes da benzeção na relação com a comunidade e outros

agentes de cura. Conservando o monopólio sobre esta forma de ritual, esses sujeitos contribuem para a revigoração da cultura popular.

Embora sofra alterações, a benzeção demarcou seu espaço de rituais convivendo com a medicina oficial, sem isso perder sua importância para as pessoas que ainda buscam a relação mais próxima, mágica e afetiva entre benzedores e benzedoras.

Por permanecerem conexos à solução de problemas diários e práticos, os trabalhos dos benzedores sempre foram solicitados e revelam a procura de muitos homens e mulheres por portas alternativas de cura. Seus procedimentos estão acalcanhados no empirismo terapêutico, no qual a observação e o conhecimento experimentado fornecem-lhe a base para a eficácia em determinados casos. Representam uma forma característica de se pensar o corpo, a doença e a cura, baseados numa compreensão simbólica e mágica do mundo (Guerreiro, 2003).

As características que compõem o benzimento são manifestas em objetos e expressões corporais. Esses elementos são sagrados, constituindo um ritual para a cura das enfermidades (Ayala, 2006). Pois ao conhecer os objetos sagrados de dona Neguinha, dona Maria e Dona Lúcia, pude vivenciar e experienciar essas benzeções e sua importância desse ritual para a identidade dessas mulheres.

Outro fato comum é a relação natureza e sagrado que se manifesta nos benzimentos, pois as plantas, terras, água e terra se fazem presente nesse ritual. Dona Neguinha ressaltou que manifesta a natureza em suas rezas, pois a cura vem da natureza e pela fé.

Em outras realidades, as benzedoras utilizam diversos objetos nos rituais, tais como agulhas, brasas, ramos de plantas, velas, terços, penas, óleos entre outros. Embora a benção se constitua uma multiplicidade, deve-se entender que cada objeto apresenta um significado quando pensado dentro da lógica do ritual, em outras palavras, depende do tipo de reza e da enfermidade (Ayala, 2006). É importante situar a diversidade de benzeção que se manifesta na sociedade, na qual a fé, natureza e os objetos sagrados são tidos como provedores da cura (Moura, 2009).

3 A PRÁTICA DE BENZIMENTO ENTRE AS MULHERES DE PIAÇAVA

Este capítulo tem por objetivo apresentar os dados e histórias das três benzedeiças entrevistadas para a composição deste trabalho. É interessante ressaltar que as três residem atualmente no povoado de Piaçava, e que isso não atrapalha a vida social das mesmas. Elas relatam suas experiências e um pouco de como os rituais são realizados, e o mais interessante são os objetos que utilizam para a realização desses rituais, tendo em vista que, por mais que sejam os mesmos objetos, cada uma deve ter o seu.

Todas as benzedeiças mencionam sobre a importância dos rituais de cura para a sociedade e da forma como eles estão sendo cada vez mais esquecidos. É interessante ressaltar também como esses saberes são transmitidos e como eles obtiveram, todas essas experiências de vida serão descritas nos tópicos a seguir. Por meio disso, o presente capítulo irá apresentar o contexto empírico do campo da pesquisa, situando o povoado em que estão inseridas essas mulheres, como também, compreendermos a partir das histórias de vida das benzedeiças como os saberes e fazeres religiosos se expressam no cotidiano da prática da benzeção.

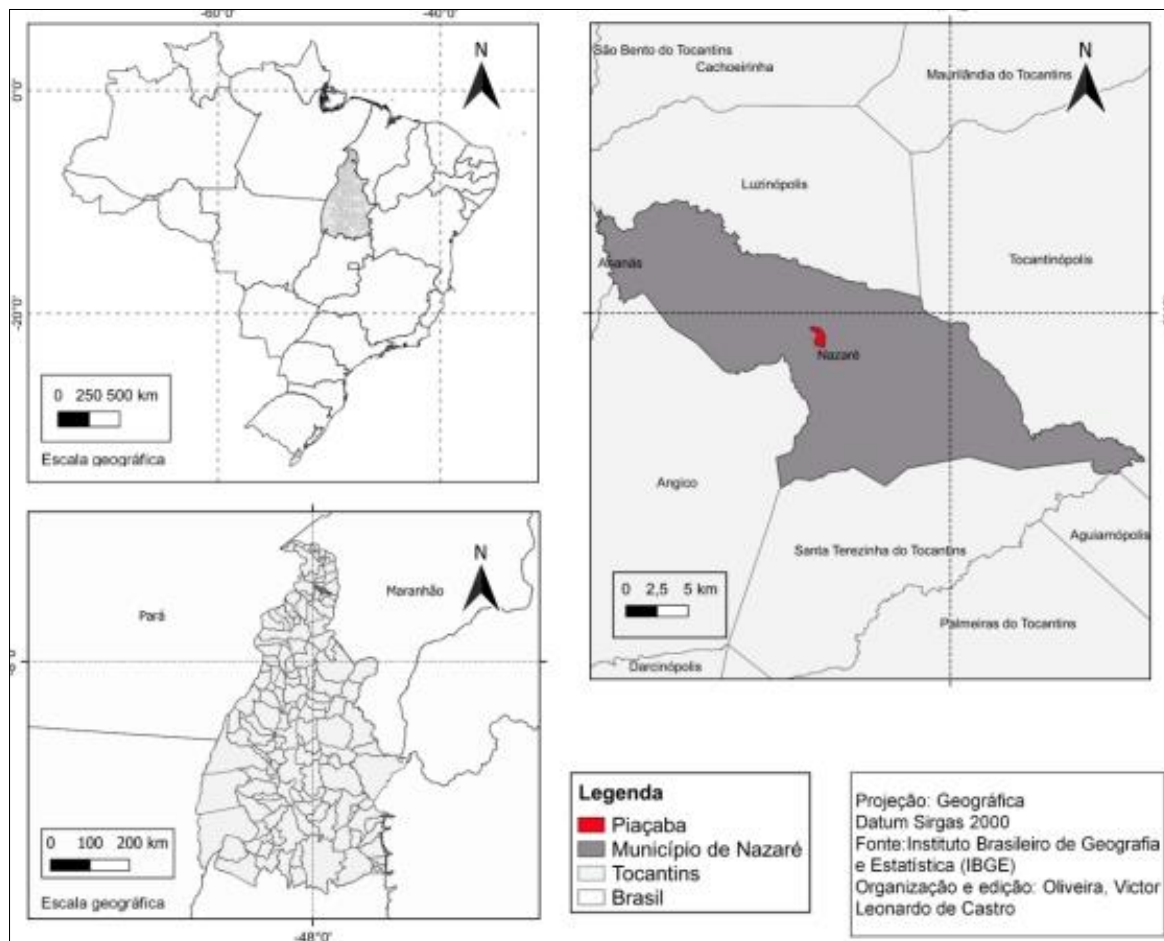
3.1 O Povoado Piaçava (TO): contextualizando o lugar da pesquisa

O Povoado Piaçava se localiza no norte do estado do Tocantins, especificamente no município de Nazaré (TO), nas proximidades da TO-210. Conforme o censo demográfico de 2010, a população estimada do povoado totaliza-se em 532² habitantes (Oliveira, 2021). A densidade demográfica é de 9,8 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Santa Terezinha do Tocantins, Tocantinópolis e Angico, Nazaré se situa a 28 km a Sul-Oeste de Tocantinópolis, a cidade mais próxima nos arredores. Situado a 215 metros de altitude, Nazaré tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 6° 22' 21" Sul, Longitude: 47° 39' 52" Oeste.

No mapa 1 podemos observar a localização do povoado, que recebe a nomenclatura “Piaçaba” apenas nos mapas, pois conforme a população e a prefeitura, o lugar recebe o nome de Piaçava. O Povoado destaca-se entre um dos maiores da região de Nazaré em relação à quantidade de pessoas que ocupam este lugar. A população é composta pela presença de moradores do povoado e das regiões aos arredores, em fazendas vizinhas nos limites

² Os dados referentes ao último censo de 2023 ainda não foram disponibilizados pela prefeitura do município de Nazaré (TO), conforme anuncia o geógrafo Yorga Dias (2023). Utilizam-se os dados quantitativos de 2010, em relação ao número de habitantes do povoado.

territoriais de Piaçava. Os moradores do povoado concentram suas atividades majoritariamente no campo, da agricultura familiar, pequeno comércio, criação de gados, entre os empregos no setor público, como escolas municipais e estaduais, postos de saúde e demais órgãos (Oliveira, 2021; Dias, 2023).



Mapa 1: Localização do Povoado Piaçava
Fonte: Oliveira (2021).

Os trabalhos de Yorga Dias (2023) e Victor Leonardo Oliveira (2021) apresentam uma breve contextualização sobre a formação do povoado. Oliveira (2021) destaca em seu trabalho os relatos de um dos descendentes dos primeiros moradores de Piaçava, Tertuliano de Convento Terto, que chegou no povoado em meados da década de 1920. Entre outras fundadoras destaca-se Dona Francisca Gomes, migrante do Maranhão que migrou para o Tocantins para criar os filhos, chegando a ocupar Piaçava desde 1983. A população piaçavense destaca-se em sua maioria por afrodescendentes, migrantes das regiões do nordeste, como Maranhão e Piauí, como se destacam as benzedeiças interlocutoras desse estudo.

3.2 “Dom que Deus me deu”: Benzedeira Antônia Pereira dos Santos

Antônia Pereira dos Santos (Imagem 1), popularmente conhecida na região como “Neguinha”, nasceu em 20 de julho de 1947, em terras maranhenses. Foi criada na zona rural, tendo trabalhado na roça desde sua infância, quebrando coco babaçu para auxiliar na criação de seus nove filhos.



Imagem 1: Dona Neguinha
Fonte: Carvalho (Dezembro/2024).

Dona Neguinha aprendeu a benzer com a avó materna aos vinte anos. Onde a primeira experiência dela com as benzeções foi para acabar com “quebrante” em bebês e “arca caída”, que é uma dor bastante forte no peitoral. Depois desse episódio, as pessoas passaram a procurar dona Neguinha para diversos outros rituais, no qual passou a ser conhecida na região. No decorrer dos anos, ela passou a realizar rituais de benzimento para doenças como febre, dores de cabeça e cobreiro, o que conseqüentemente diversas mães de bebês a procuravam frequentemente.

Dona Neguinha também mencionou que, em termos de saúde, antigamente a população utilizava primeiramente métodos caseiros, saberes populares e ervas como forma de cura. Havia médicos itinerantes, mas estes muitas vezes não eram bem-vistos pela

população, uma vez que eles só encaminhavam a eles casos extremos ou em estado avançado, restando pouco ou nada a ser feito. Além disso, os recursos disponíveis para os médicos da época eram escassos, as técnicas eram restritas, os instrumentos eram rudimentares e os medicamentos farmacológicos eram raros e caros. Utilizavam-se, então, os recursos de cura mais próximos, sendo que a medicina não possuía influência sobre os moradores locais, como possuía nas cidades maiores como Tocantinópolis (TO), Araguaína (TO) e outras. Quando havia necessidade de atendimento hospitalar, era preciso deslocar-se para cidade vizinha, como as acima mencionadas. Contudo, as vias de transporte eram escassas, propícias para acidentes devido à falta de manutenção.

Durante a entrevista a benzedeira ressaltou que as benzeções são “dom que Deus deu a ela” assim suas rezas estão diretamente ligadas ao catolicismo, uma vez que os rituais de rezas são sagrados e associados com a promulgação de crenças religiosas, ou seja, a liberdade e direito de crer em algo, crença em qualquer religião, dona Neginha diz que se a pessoa crer no benzimento ele irá curar. Essas rezas também são ligadas a fitoterapia, um tipo de tratamentos realizados para curar doenças com plantas, ou seja, na maior parte das vezes são usados plantas, resíduos e caules de árvores conhecidos como “garrafadas”, chás de folhas, raizeiras e banhos, na qual a rezadeira detêm desses conhecimentos, experiências e rituais. Para tirar o sol da cabeça à benzedeira precisa de uma garrafa de vidro (imagem 2) com água no horário da tarde, onde a pessoa precisa estar sentada em uma cadeira, a benzedeira pega uma garrafa de vidro transparente com água e realiza a reza, quando o sol está saindo da cabeça à água da garrafa começa a ebulir.

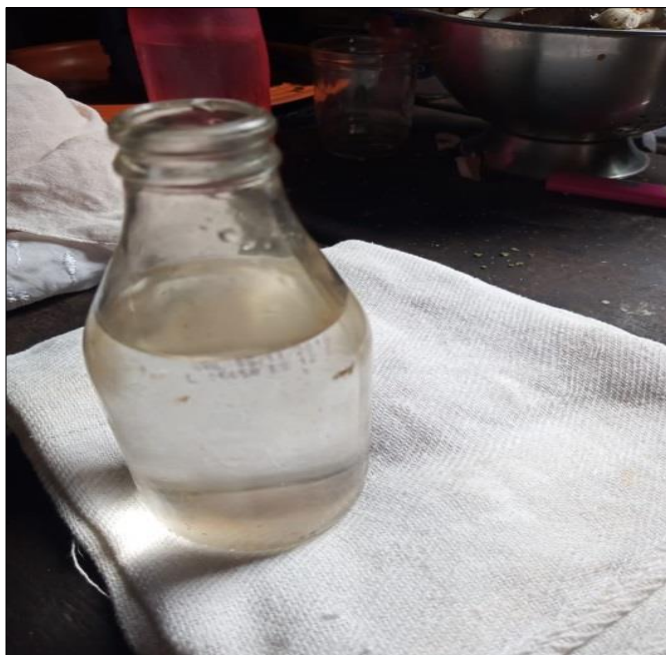


Imagem 2: Garrafa de água utilizada para tirar sol na cabeça³.
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Água utilizada para o ritual do benzimento é realizada com água e um galho de planta, no qual a pessoa recebe a benção com chocalho da planta na cabeça, que, como já dito, serve para tirar o sol da cabeça.



Imagem 3: Água e planta para benzimento⁴
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

³ A garrafa de água é utilizada para tirar sol da cabeça no tratamento dores de cabeça, causada pelo o sereno e sol. No momento da benzeção, a água começa a ebulição. Assim a enfermidade é curada, com sumiços dos sintomas.

⁴ A xícara é utilizada para tirar quebranto nas crianças. Os sintomas são excessos de choro e sono. A benzedeira segura a xícara e galho na mão com gestos de cruz, próximo à criança. Após a benzeção a água é jogada em cima da casa.

Para levantar a “arca caída”, necessita-se de um pano, primeiro realiza-se a medida do cotovelo, com a cintura ou junto às mãos, as rezas são feitas pedindo a intercessão do padroeiro do povoado São Miguel Arcanjo⁵, para tirar o quebrante é necessário fazer o sinal da cruz na testa da pessoa, pegando um galho e rezando com muita fé.



Imagem 4: Pano para levantar arca caída. ⁶
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

Já no que se refere ao tratamento de cobreiro, precisa-se de uma dieta tomando muita garrafada de folha de algodão com folha santa por muitos dias, repetindo a dosagem uma vez a cada semana. Rezam-se com três pedras para curar dores no cotovelo, joelho e outras enfermidades nos ossos. Essas pedras são usadas uma de cada vez, depois juntam-se as três para poder completar a reza.

⁵ Padroeiro do povoado de Piaçava, é um arcanjo da Igreja Católica que simboliza justiça, sendo considerado defensor de Deus.

⁶ A benzedeira utiliza o pano para tirar arca caída através da medição da ponta do dedo da pessoa enferma com o cotovelo e depois mede debaixo dos peitos. Se não abarcar os centímetros, a pessoas está com a arca caída, onde os sintomas consistem em dores nas costas, peito e fraqueza. A benzedeira reza fazendo um nó na pessoa com o pano, levantando a pessoa para cima. Após essas etapas, ela volta a medir o cotovelo e debaixo do peito. Se os centímetros consistirem a pessoas, levantou a arca.



Imagem 5: Pedras utilizadas em rezas.⁷
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

Reza com tição (pedaço de pau com fogo) para curar izipa (infecções no corpo).



Imagem 6: Tição (pedaço de lenha) usada para curar Izipa.⁸
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A izipa é uma infecção que vem com coceira e vermelhidão na pele, e algumas vezes chega até a inchar. Quando benze com 3 ramos para cura, reza-se com um ramo de cada vez e depois com os três ramos juntos para completar o ritual. Já com o tição, realiza o ritual com o lado que não está queimado, e depois que realiza o benzimento, é colocado no fogo o lado que já estava queimado novamente, ou seja, um dos lados serve para benzer, e o outro lado serve para colocar no fogo e completar o ritual.

⁷ As pedras são utilizadas para machucados no tornozelo, conhecido como carne quebrada. A benzedeira pega as pedras tocando no machucando através de rezas silenciosas. Após a reza, a pessoa é curada da enfermidade.

⁸ O tição é um pedaço de lenha, utilizado pela benzedeira para curar Izipa, que consistem em sintomas como ferimentos, infecções causadas por arranhões. O tição é passado em cima da infecção três vezes, em formato de cruz, ao mesmo tempo que se pronuncia a reza.

Todas as experiências mencionadas fazem parte da história de vida da dona Neguinha desde que ela começou a benzer pessoas. Vale ressaltar que são histórias reais de pessoas que sempre buscaram alternativas de cura diferentes, sem esperar muito pela medicina moderna. Dona Neguinha também mencionou que deposita sua fé associada ao catolicismo no momento que benze e reza, pois esses rituais são manifestos pela relação natureza e fé católica.

3.3 “Só em Deus é que deposito minha fé”: Benzedeira Raimunda Pinto da Conceição

Maria Raimunda Pinto da Conceição (Imagem 7) é natural de Grajaú (MA), nasceu em 15 de março de 1950, tendo vivido por muitos anos no município de Porto Franco (MA), mudando-se em seguida para Piaçava (TO). Sendo motivada por parentes que falavam sobre a produção de alimentos e terras produtivas que encontraria no povoado, assim ela buscava sobreviver da agricultura familiar. Logo que se mudou, percebeu as diferenças entre as terras, sendo que a que morava no Maranhão apresentava melhores condições. Atualmente ela é aposentada e faz parte do Ministério da Palavra⁹ na Igreja Católica do povoado, ministério esse que se destaca por ter pessoas comprometidas em levar a palavra de Deus e ministrar em reuniões e rezas referentes à igreja, onde um grupo de pessoas se reúne para realizar suas rezas e falar sobre a palavra e costumes.

⁹ Ministério da Igreja Católica que envolve pregação da Bíblia, como também ensino, estudo e divulgação da palavra de Deus.



Imagem 7: Dona Raimunda
Fonte: Carvalho (Dezembro/2024).

Dona Raimunda destaca que aprendeu a rezar/benzer quando ainda era jovem, com uma parenta próxima, que ensinou todos os rituais e ensinou a praticar, no qual ressaltou que não passou esses saberes para ninguém, com receio de serem usados de má-fé, ou seja, para sentido contrário ou usado de forma errada. Dona Maria realiza somente dois tipos de rezas, a “da arca-caída” e para “quebrante” e reza para curar Izipa, que foram conhecimentos transmitidos por seus ancestrais. Ela narrou uma situação em que teve queda de pressão ao tratar a enfermidade de uma jovem. Situação que deixou receosa em passar seus saberes, o receio advém do medo de que alguém que não tenha fé o suficiente ou não faça corretamente e isso possa prejudicar tanto quem está benzendo como quem está recebendo.

Algo que chamou bastante atenção na entrevista de Dona Raimunda é que ela menciona que quando visita um recém-nascido, tem que dizer sempre “benza a Deus” para a criança não adquirir quebrante, pois são as energias negativas que fazem com que a criança fique doente, a ponto de ficar como desmaiada. Outro ponto bastante interessante foi a sua narrativa ao mencionar que não é devota de nenhum santo católico, “*não sou devota a nenhum*

santo, pois só em Deus é que tenho e deposito minha fé”, dessa forma, fica evidente que ela reza para todos os santos porque sua religião ensina a fazer isso, mas ela sabe que apenas Deus é capaz de dar a direção da cura, ela acredita que os santos apenas são instrumentos usados por Deus, a confiança da realização da cura é apenas em Deus.

Do mesmo modo, todas as experiências que dona Raimunda tem como benzedeadas fazem parte da identidade dela como pessoa, pois é em tudo que ela acredita. Nesse sentido, ela me explicou suas benzedeadas ao narrar sobre o processo de aprendizado dessa prática:

Agora rezar, eu quase aprendi com o tempo, assim, porque eu tinha uma madrinha lá, via a minha irmã que rezava, mas nunca foi assim, diretamente. Aí eu vi aí, eu fui aprendendo a rezar, eu rezo de arca caída, rezava de quebrante, rezava de tirar sol na cabeça, agora mesmo rezei num menino diz que ficou bom graças a Deus. Aprendi com meu povo, com minha mãe e família que me criaram, eram muito devotas, rezavam direto, eu aprendi com elas, e aprendi rezar terço completo (Dona Raimunda, 74 anos, Entrevista Oral, 06/04/2024).

A reza e benção para levantar arca caída é realizada por Dona Raimunda e subsidiada com um pano, no qual a pessoa enferma recebe o benzimento. Já para curar quebrante em criança (uma condição em que a criança chora muito, fraqueza no corpo e tristeza), ela utiliza água e um galho de planta.



Imagem 8: Pano, planta e água usados nas benzedeadas¹⁰
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Para rezar de sol na cabeça, Dona Raimunda usa um pano branco e uma garrafa branca cheia de água. Emborca a garrafa na cabeça e diz umas palavras conversando com Deus. Depois, tira, rodeia com a água e pronto, encerra-se o benzimento. Durante o ritual,

¹⁰ Esses utensílios são da benzedeadora Maria Raimunda e são semelhantes aos de dona Neguinha, no qual são utilizados para mesma finalidade de cura.

menciona o nome de três santos que ela fala na hora da reza, São Cosme, São Tito e São Damião, são os três que ela fala na hora da reza para tirar o sol da cabeça.

Para quebranto, ela usa um pouquinho de água com os matinhos de um galinho, que pode ser vassourinha, pode ser qualquer galho verde e molinho, bom para rezar. Outro objeto que Dona Raimunda também usa para rezar de quebrante são as coisas de fogo, como os pavios de algodão com fogo.

Em relação à reza de arca caída, ela coloca um pano, mede da ponta do dedo mindinho para o cotovelo, mede com o pano a parte abaixo dos peitos, e diz umas palavras também conversando com Deus.

Todos os rituais mencionados acima são realizados por Dona Raimunda. É importante frisar a relação que ela faz dos seus rituais com a fé cristã, pois ela sempre menciona sua conversa com Deus durante a realização de suas rezas de cura, pontuando que tudo depende da fé que a pessoa tem em sua cura

Um ponto que chamou muita atenção durante a entrevista com Dona Raimunda, foi o fato dela mencionar que uma tia propôs a ensiná-la outros tipos de rezas que não seriam para cura, mas sim, para fazer maldade ao próximo, mas ela se recusou a aprender, aprendeu somente as que tinham o propósito de cura, para ajudar seu semelhante e não o prejudicar.

3.4 “Só é capaz de benzer quem tem fé”: Benzedeira Lucivânia Alves Almeida

Lucivânia Alves Almeida (Imagem 9), mais conhecida como Lúcia, nasceu dia 10 de março de 1971, no povoado de Piaçava (TO), com ajuda de uma parteira, e desde que nasceu sempre morou no Tocantins. Por algum tempo, dona Lúcia morou em Tocantinópolis, para onde foi para estudar e trabalhar na casa da sua madrinha. É válido ressaltar que sua madrinha foi quem ensinou todos os conhecimentos sobre os benzimentos, ou seja, quem ensinou ela a benzer. Sempre que ela visitava os parentes no povoado, ela ajuda sua família com os afazeres na roça, de onde a família tirava o sustento.



Imagem 9: Dona Lúcia
Fonte: Carvalho (Dezembro/2024).

Dona Lúcia conta que aprendeu a rezar ainda muito nova com incentivo de sua madrinha, que mencionava sempre que alguém da família tinha que carregar essa experiência para que continuasse a tradição, e para que a crença não acabasse. A partir daí, ela se interessou em aprender, já que ninguém mais da família tinha interesse.

Após alguns anos, dona Lúcia retornou para o povoado de Piaçava já sabendo benzer, ela começou a ter experiências com seus próprios parentes, que começaram a solicitar os benzimentos para tirar quebrando dos filhos recém-nascidos e benzer para arca-caída.

Outra reza que ela aprendeu foi a de tirar o sol da cabeça, entretanto essa reza ela aprendeu com sua vizinha idosa que também morava em Piaçava. Dona Lúcia menciona ainda que os objetos utilizados para os benzimentos são os mesmos, o pano, a garrafa, o galhinho de árvore, o pavio de algodão, a pedra e o tição de fogo, que muda de uma benzedeira para outra, e cada uma possui seus próprios objetos. Uma fala que chamou bastante atenção, porém sem motivo específico, é que se uma pessoa for em uma primeira benzedeira e for em outra em seguida, ela não pode contar para a outra, pois ela acredita que quebra a fé.

No decorrer da entrevista, ela cita que durante essa experiência que ela é a mais nova benzedeira do povoado e isso é bastante gratificante para ela, uma vez que até mesmos os evangélicos vão até a casa dela para pedir para ela benzer, isso surpreende muito Dona Lúcia, pois já que para ela os crentes são conhecidos por não acreditar nesse tipo de reza. Entretanto, ela deixa claro que a reza só faz efeito se a pessoa tiver fé. Ela conta também que se ela estiver doente de algo, seja lá o que for, ela não benze, pois fica fraca e mais doente ainda.

Dona Lúcia trabalha na escola estadual de Piaçava, como merendeira, ela também é estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e mesmo sendo a mais nova benzedeira do povoado é coberta de muita fé, e também faz parte do grupo de oração da igreja, para provar para as pessoas que ela é capaz, tendo em vista que alguns duvidam dela por ser mais nova.

Durante a entrevista, ela ressalta que os rituais de cura são muito importantes para a comunidade em geral, pois já ajudaram diversas pessoas de certo modo, e infelizmente eles estão acabando e cada vez menos pessoas acreditam, e que nem os parentes de quem já tem o dom e sabem benzer querem adquirir esse tipo de conhecimento. Ainda menciona que já tentou ensinar várias pessoas de sua família, mas não obteve sucesso, e mencionou também que os parentes justificam que não querem ter esse tipo de responsabilidade.

4. NARRATIVAS, SABERES E PRÁTICAS DE CURA: as benzedadeiras de Piaçava (TO)

Esse capítulo visa investigar como ocorrem os benzimentos no cotidiano das benzedadeiras e de que forma essa prática cultural é perpetuada atualmente. Para isso, apresentamos como esses saberes apreendidos enfrentam um processo de apagamento em seu processo de perpetuação desse ritual. Através das narrativas das benzedadeiras de Piaçava (TO), entendemos que o benzimento não se perpetua para as próximas gerações, isso implica num processo de como a transmissão desses saberes enfrenta uma série de desafios no contexto atual.

4.1. Quando se aprende a benzer: as práticas culturais do ritual de cura

As rezas são um dos principais traços de cura de doenças em regiões do interior, tais como quebranto, cobreiro, mau-olhado, espinhela caída e peito arrotado. Enfermidades essas que na cultura popular são realizados procedimentos terapêuticos sob as mãos das benzedadeiras, no qual as benzedadeiras são procuradas para realizar seus rituais de cura, assim como outras formas de benzeções, como um ofício da cultura popular das regiões do interior. Os rituais que essas senhoras realizam fazem parte do cotidiano das pessoas que habitam esses locais, tornando seus gestos, símbolos e práticas um conjunto que caracteriza o ofício dessas senhoras.

A benzeção é uma prática popular de cura que utiliza uma linguagem específica, tanto oral quanto gestual, visando não apenas curar, mas libertar o paciente do mal que o aflige (Gomes & Pereira, 1989, 13). Nela, os sujeitos combinam elementos místicos da religião e da magia aos conhecimentos da medicina popular, falam em nome de uma religião e atuam no limiar entre esta e a medicina. A prática de benzedura é um saber prático e experiencial que não advêm de uma especialização formal, como nos médicos e farmacêuticos. Benze-se não apenas com o poder da oração e os objetos sagrados, mas também com os gestos, com o semblante e com o olhar. Esses elementos unificados garantem a crença na eficácia do ritual de benzeção, cujo objetivo é restaurar o equilíbrio perdido e unificar o que antes estava fragmentado.

A crença no poder curativo da palavra, expressa por meio das orações, onde as preces são quase inaudíveis - soando como sussurros - e geralmente possuem um teor cristão, pois evocam o poder de Jesus Cristo, da Virgem Maria e dos Santos, que embora sua prática de benzer seja anterior ao cristianismo, muitas benzedadeiras incorporam elementos católicos e africanos em seus rituais.

Tudo depende da nossa fé, se nós tivermos em Deus, nós vamos ser curados com fé em Deus. Deus diz “eu vou subir mas eu vou deixar vocês cumprindo a minha missão pra vocês cumprir meu mandamento, o meu mandamento vai ser isso, vocês vão pregar em todos as regiões, aonde tiver gente doente vocês imponha a mão se ele curar vocês são meu discípulo se eles curar, se vocês curar as pessoas com meu nome esses são meus discípulos, são meus companheiros, e vocês vão ficar para dar testemunho de mim durante a vida, vocês vão dar meu testemunho vocês vão ficar para seguir o meu caminho”, então foi assim que Deus disse, Jesus disse antes de subir, é isso que tenho pra lhe dizer minha filha, tem horas que minha mente foge um pouco. Porque o povo não entende que vão ter que viver a vida toda sabendo que tem um Deus acima de nós, um Deus grande, verdadeiro que manda em todas as coisas e vai mandar para sempre porque ele nunca vai ter fim, quem vai ter fim somos nós aqui nessa vida, na outra também. Nós temos que fazer as coisas boas, bem feitas para Deus, fazer o bem para os irmãos, fazer bem, nós não vamos ter fim, ou nós vamos ficar bem na Glória de Deus ou nós vamos ficar mal na presença de nosso inimigo chamado diabo, que é ele que nos atenta muito, e é muito bom a pessoas aprender e ter no seu coração as coisas de bom, com Deus. O povo diz que tem uns que tem umas devoções, aquelas devoções botam pra lá que eu não quero saber, acredito em Deus (Dona Raimunda, 74 anos, Entrevista Oral, 06/04/2024).

Nesse trecho, fica evidenciado que Dona Raimunda acredita no poder de cura dos rituais porque acredita em Deus, e quem tem o poder de cura é Deus, mostrando a relação do pluralismo religioso de seus rituais com sua fé católica.

Dona Neguinha e Dona Lúcia também deixam claro que seguem a religião católica, expressando a fé nos rituais de cura, devido à fé em Deus, como mostram os trechos a seguir: “*Sempre fui católica desde que nasci*” (Dona Neguinha, 77 anos, Entrevista Oral 03/04/2024).

Até crente já veio, a pessoa disse “fulano falou que tu é boa para levantar arca, não acredito muito não”, aí eu disse “ pois se não acreditar não vou fazer não”, aí ele disse “mas a senhora ver, eu fui até no hospital não sei quantas vezes saber se era coluna, se era não sei o que lá, era dor de estômago” aí levantei e já veio umas três vezes depois disso. No outro dia quando me viu, oh mulher vou lá terminar, mais amanhã tem que vir, mais só que eu não tinha terminado de levantar toda né, já que estava toda aberta, pois veio no outro dia depois disso passou foi tempo agora foi tempo agora foi que veio de novo ela disse o povo tem um negócio mais tudo é de Deus, pois é mais também só levanto de quem acredita. Aí quando foi um dia, veio um dia tirar sol, que já tinha tomado todo tipo de remédio para dor de cabeça e não tinha passado, aí eu pensei, as crentes tão danadas aderindo, aí foi assim que comecei (Dona Lúcia, 53 anos, Entrevista oral, 16/04/2024).

Na fala de Dona Lúcia, notamos que até mesmo pessoas evangélicas que não acreditam nos rituais de cura acabam se submetendo a eles após tentarem se curar de algumas enfermidades e não conseguirem. E, como mostra no trecho, a cura vem, não por meio da religião, mas pela crença em Deus.

Eu tinha uma tia que ela propôs me ensinar várias, mas eu nem quis, eu não gosto, aí ela disse que iria ensinar porque ela já estava ficando velha, aí queria que outras pessoas aprendessem. Eu não quis aprender não, a minha trajetória é essa de casa para a igreja, rezo aqui em casa pago promessa hoje foi uma promessa que eu paguei aqui do Divino Espírito Santo, que eu tinha feito quando eu fui operar que eu fui fazer o teste do coronavírus, aí eu testei positivo primeiro, enquanto no outro dia quando eu fui ouvir de novo a divindade, naquele sai, eu chorei, que é uma emoção de repassar para meu povo que estava aqui, aí quando fui mesmo só deu aquele

pensamento, aí eu disse se o Espírito Santo ajudasse que eu fizesse aquele teste ele desse negativo, eu fizesse aquela cirurgia e ela não complicasse nada no dia, eu tivesse boa eu ia rezar terço, fazer um almocinho para quem viesse me ajudar, eu fui fiz o teste deu negativo, eu fiz a cirurgia, o medo que eu tinha de cirurgia e fiz não teve nada de complicação nenhuma, graças a Deus. Agora no dia 26 de maio já vou fazer um ano, e graças a Deus para louvor e Glória de Deus e do Divino Espírito Santo às 3 pessoas da Santíssima Trindade (Dona Raimunda, 74 anos, Entrevista Oral, 06/04/2024).

Nota-se mais uma vez que fica evidenciada a relação da fé cristã de Dona Raimunda com seus rituais de cura, não querendo aprender nenhuma reza que pudesse fazer mal a alguém, e, fazendo e pagando promessas associadas à sua religião caso sua prece fosse alcançada. Sobre o processo de perpetuação da prática do benzimento, destaca ser de suma importância *“porque o povo não entende que vão ter que viver a vida toda sabendo que tem um Deus acima de nós, um Deus grande verdadeiro que manda em todas as coisas”*.

Durante as entrevistas, as benzedeadas relatam como iniciaram nessa trajetória e como estão realizando os benzimentos atualmente, explicando que não conseguem mais realizar alguns desses rituais, devido à idade avançada ou problemas de saúde.

Aprendi a rezar com minha avó. Vi ela rezando e me interessei em aprender. Aprendi porque ela rezava em voz alta. Rezo de carne quebrada, izipa, tirar sol de cabeça com uma garrafinha, quebrante que é com os galinhos de mato e água. Arca caída, na hora que precisar chegar aí levanto, mas nem todo dia eu posso levantar, porque se eu senti minhas arca caída eu não posso levantar eu não levanto porque a arca caída é duas, não levanta, tenho que levantar a minha primeiro, aí depois a dos outros, aí não tem quem levante a minha, aí é eu mesmo que eu levanto numa rede, eu me enrolo na rede me penduro (Dona Neguinha, 77 anos, Entrevista Oral 03/04/2024).

Aqui notamos a preocupação de dona Neguinha em relação ao fim dessas crenças, pois existem rezas que, para que ela as realize, alguém precisa realizar primeiro nela, como a questão da arca caída. E por não ter quem faça nela, ela não consegue realizar efetivamente em outras pessoas, uma vez que ela também precisa da reza para estar bem e conseguir realizar o ritual. A ausência de pessoas que realizem o benzimento acaba influenciando na sua continuidade.

Agora rezar, eu quase aprendi com o tempo, assim, porque eu tinha uma madrinha lá, via a minha irmã que rezava, mas nunca foi assim, diretamente. Aí eu vi, e eu fui aprendendo a rezar, eu rezo de arca caída, rezava de quebrante, rezava de tirar sol na cabeça, agora mesmo rezei num menino diz que ficou bom graças a Deus. Agora já estou pior para rezar, aqui eu já tô ficando velha, e quando a pessoa tá ficando velha já não é muito apropriado. Mas antes, mais nova eu era boa para rezar graças a Deus, agora não sou mais não (Dona Raimunda, 74 anos, Entrevista Oral, 06/04/2024).

Assim como Dona Neguinha, Dona Raimunda também se preocupa com a questão de que está ficando ruim para rezar, pois a mesma fala que já está ficando velha, e a pessoa quando fica velha já não é mais apropriada para rezar. Por conta do avanço da idade, o ritual

de cura acaba debilitando boa parte das benzedeadas, isso ocorre por conta do esforço espiritual e psicológico que elas utilizam durante o processo de benzimento. Com isso, a continuidade desses desafios enfrenta dificuldades, pois entre as benzedeadas de Piaçava, duas estão com mais de setenta anos, estando apenas Dona Lúcia com 53 anos, o que conseqüentemente implicará na perpetuação desses saberes.

Na fala de Dona Lúcia, notamos que para que ela possa realizar efetivamente os rituais de cura, a mesma precisa estar bem de saúde¹¹ ou então não consegue realizá-los. Também fica evidente que ela já tem conhecimento de outras benzedeadas que já estão deixando de realizar algumas rezas devido à idade avançada, pois já não estão conseguindo realizá-las.

Levantar arca no caso eu aprendi com minha madrinha, tinha 17 anos e ela sempre falava ela pelejava e eu falava que não queria, e ela dizia **“minha filha tem que aprender que tu vai precisar para ajudar alguém”**, aí falei “madrinha pois eu vou fazer”, aí aprendi a levantar arca e fui em frente, comecei a levantar a dela mesmo, aí quando cheguei aqui, os povos me pediam, comecei levantando da mãe, e da dona Dasdores, um dia ela estava ruim e meu pai falou que eu sabia, aí fui, aí ficou até hoje, é arca caída, tirar sol de cabeça. A gente não tira arca caída, o sol, se você estiver muito fraca, não consegue, a dona Maria Futuro já tá deixando, pois não está mais conseguindo, se eu estiver gripada, tiver muito menstruada eu não faço, não adianta a gente não tem nem coragem para isso porque a reza é forte, se a gente fraca não dá mexer (Dona Lúcia, 53 anos, Entrevista oral, 16/04/2024, grifos meus).

Dona Lúcia também falou sobre uma reza chamada de “quebrar encanto”¹², que consiste em fazer rituais de benzeção em algum benzedor que está perto da morte, e que não falece enquanto alguém não quebrar o encanto que está sobre o mesmo. Isso geralmente acontece com pessoas que sabem muitas rezas e ficam cercadas por esses encantos, mas que as próprias rezas não conseguem quebrá-los, necessitando de outro benzedor para quebrá-lo para que a pessoa possa de fato morrer ou, do contrário, continuar a padecer na terra.

É porque demora a morrer, ela chamava de descer, eu lembro do finado Zé Rosa, ele sabia muitas rezas, e ele quase não morre, no dia mesmo que foi para ele morrer a Dijé pegou uma palha de cocô, e aquela mulher que era do Osmar, a Dijé, desceu e a outra subiu quando chegou nos encontros das biqueiras da casa, elas rezaram e ele morreu, mas já tinham colocado meio mundo de coisas, mão de pilão, tinham colocado meio mundo de coisas debaixo da cama dele e ele não morreu, aí elas quebraram o encanto dele (Dona Lúcia, 53 anos, Entrevista oral, 16/04/2024).

Nas narrativas das benzedeadas, notamos como cada uma iniciou sua trajetória nas rezas/bênçãos, partindo de familiares que as ensinaram e também de pessoas próximas a elas.

¹¹ A benzedeadora doente não consegue rezar por estar fraca, e a reza não é consumada como deveria ser, para de fato curar a pessoa enferma.

¹² É um ritual realizado pelos benzedores para eles quebrarem o encanto da pessoa idosa antes de morrer.

O ponto em comum entre todas é que foi o fato da vontade delas em aprender, a dedicação, a fé nesses rituais e a vontade em ajudar as pessoas da comunidade. Isso foi o que as motivaram a aprender, ficando claro que basta ter alguém que queira ensinar e o outro que tenha interesse em aprender, que se aprende a benzer/rezar.

4.2 A perpetuação do benzimento em Piaçava (TO): as discontinuidades do ritual de cura

As benzedoras e os benzedores são cuidadores dos males físicos e espirituais dos moradores das comunidades, cujo ofício, o ato de benzer, de curar o enfermo de doenças que no geral se encontram fora do escopo de tratamento pela medicina dogmatizada, são realizados por meio de rituais e orações. A benzedura é um procedimento ritualístico realizado por pessoas de diversas religiões e sofre influência conforme o meio em que estão inseridas, alterando detalhes no ritual, como uso de objetos, plantas e jeitos de acenar no momento da benzeção. O benzer é um ato de interceder pela cura do doente ao sagrado, com intuito de trazer o equilíbrio material e espiritual de que necessita a pessoa benzida. O ritual tem como característica uma conexão de quem benze com a pessoa a ser benzida e com a espiritualidade. Essa interação, no momento do benzimento, permite a intervenção espiritual e a obtenção da cura (Souza, 2008).

A transmissão do dom de benzer pode ser feita de diferentes maneiras e circunstâncias, onde a pessoa escolhida traz em si o conhecimento de cada passo do ritual, inclusive das palavras, além de herdar a reputação conquistada pelo antigo benzedor ou benzedora. De acordo com Vaz (2006), uma benzedora pode aprender de maneira espontânea, receber o dom por meio do ensinamento de outra benzedora, por necessidade perante uma grave situação e, também, a partir de uma revelação. A transmissão feita por laços de parentesco é a mais comum. O dom é passado para algum membro da família (consanguíneo ou não) que apresente as características necessárias para a prática do ritual, como interesse, respeito e convivência com aquele que benze. O acesso e a compreensão das fórmulas recitadas são restritos aos que herdarão a tradição.

A passagem de conhecimentos é um momento delicado na trajetória de uma benzedora, pois é dessa forma que são perpetuadas suas práticas e valores para as próximas gerações, reafirmando a importância desse trabalho em suas comunidades. A transmissão do ofício, a prática da benzeção, é algo que pode ser ensinado, aprendido e transmitido por meio da tradição oral. Mesmo assim, o ofício também é compreendido como um dom inato que atravessa o desenvolvimento, o que requer dedicação, paciência e abnegação.

A dificuldade de transmitir o ofício aos mais jovens pode estar relacionada a uma maior urbanização, ao maior acesso a equipamentos formais de saúde, bem como revela a submissão da benzeção a uma lógica biomédica, em um sistema de saúde que, por vezes, negligencia os sistemas populares de cuidado. É importante ressaltar o alto nível de preocupação das benzedoras em repassar seus conhecimentos no momento da escolha de seu sucessor. A preocupação se resume em encontrar alguém que seja de confiança e que esteja realmente interessado em aprender e levar sua prática adiante com fidedignidade e dignidade, uma vez que juntamente com seus conhecimentos serão repassados seu nome, sua reputação, o trabalho de sua vida e, por extensão, sua própria identidade.

O indivíduo dedica parte da sua vida ao exercício da benzedura, a qual acredita ter recebido de Deus, geralmente a partir da descoberta e do reconhecimento desse dom, que pode ter início tanto pela identificação, por parte de outro benzedor/benzedora, como exposto acima, ou pelo reconhecimento de algum acontecimento forte, como uma espécie de revelação divina, ou tem-se ainda todas essas situações combinadas de diversas maneiras entre si (Gomes & Pereira, 2018, p. 34).

A figura popular das benzedoras tem sofrido modificações que tangem, por exemplo, as dificuldades de transmissão do ofício, a maior urbanização e, ainda, o maior acesso a sistemas formais de saúde e cuidado que nem sempre consideram, incorporam ou legitimam os sistemas considerados populares. Essa prática tem diminuído com o tempo, pois a nova geração, apesar de acreditar no poder da reza, não tem interesse em se envolver com esses rituais, e dessa forma, a arte de benzer vai desaparecendo, uma vez que não há ninguém que tenha interesse em aprender esse ofício. Esse fato ficou muito explícito nas falas das benzedoras durante as entrevistas, mostrando a preocupação em não ter quem dê continuidade a esses rituais de cura.

Nenhum dos meus familiares mais próximos se interessou em aprender, apenas minha neta Daniela que disse que ia aprender, mas ela levou anotado, dizendo ela que anotou, não sei se ela aprendeu. Meu filho, o Toin era quem queria aprender de carne quebrada, não sei se aprendeu, se já sabe, mas acho que não. Mas, os outros não interessam de aprender não. Então, eu não passo a reza porque eles não se interessam de aprender, agora se eles se interessassem aprender era bom, que não é toda a vida que eles me têm, porque tudo só corre pra cá, aí toda vida não interessa de aprender aí quando eu ir embora, cadê? não tem mais benzedor. E não passo pra qualquer pessoa, porque pode usar de má fé. Se achasse quem aprendesse era bom, a pessoa interessando de aprender qualquer um aprende, é a pessoa interessar, agora os meus é que não interessam de aprender. A arca caída com pano, sempre digo: se interessa de aprender, pois não é todo o tempo que vocês tem eu. Sempre eu via a minha vó rezando de quebrante, de izipa aí eu só vendo ela rezar aprendi, aí nunca esqueci. Uma irmã minha disse que sabe, mas eu acho que ela não sabe não, quando ela quer, ela corre para cá (Dona Neginha, 77 anos, Entrevista Oral 03/04/2024)

Nesse primeiro momento do depoimento de Dona Neguinha, notamos sua preocupação com o fato dos familiares não se importarem em aprender um ritual de uma crença que vem passando de geração em geração por sua família, e, o cuidado que a mesma tem em não deixar outras pessoas se apropriarem disso, podendo fazer mau uso do que foi ensinado, prejudicando pessoas que forem buscar a cura por esses rituais, reforçando a questão da preocupação com seu sucessor na perpetuação do benzimento, pois está em jogo seu legado, sua reputação durante os anos que desenvolveu esse ofício.

Essas rezas que eu rezo ninguém da minha família não quer aprender não, as minhas filhas acho que não, porque elas nunca disseram que quer aprender. Só rezam mesmo, as rezas da nossa religião católica. Eu já tô ficando velha e quando a gente fica velho, fica muito sensível, muito fraca, vai enfraquecendo pra rezar. Sem falar, que tem muita gente hoje que não acredita nas rezas, só em remédio de farmácia, mas o que cura é a fé em Deus (Dona Raimunda, 74 anos, Entrevista Oral, 06/04/2024).

A fala de Dona Raimunda, contextualiza com o mencionado anteriormente, referente a negligenciar os saberes populares em relação à medicina dogmatizada, pois com maior acesso aos serviços de saúde, muitos dos males que as pessoas buscavam tratamento com as benzedeadas hoje buscam os médicos para solucioná-los. Dessa forma, cada vez mais vai diminuindo a procura pelos benzimentos e também as pessoas que se interessam em aprender essa prática, que como a mesma menciona, mesmo com tantos anos sendo benzedeadas e já está em idade avançada para continuar a rezar, suas filhas nunca tiveram interesse em aprender.

Na minha família não tem quem queira aprender a rezar não. Minha filha Núbria, essa nem se fala, e a minha filha Rúbia não tem paciência, acho que não, vou arriscar até o dia que der certo (Dona Lúcia, 53 anos, Entrevista oral, 16/04/2024).

Assim como dona Neguinha e dona Raimunda, dona Lúcia também não tem ninguém de sua família que queira aprender o ofício de benzedeadas. Como ela menciona, as filhas não têm interesse ou paciência em aprender essa prática, cuja mesma requer dedicação, paciência e abnegação para conseguir ser aprendida, mas como as filhas não querem, elas não têm quem dê continuidade a essa prática.

Dona Lúcia fala da importância e do seu desejo em transmitir seus ensinamentos para outra pessoa, de modo que possa perpetuar sua trajetória de benzedeadas, deixando a sabedoria adquirida ao longo de sua vida para as futuras gerações, possibilitando a existência da continuidade desse ofício.

A importância que a gente fala é porque mais pra frente a gente vai ficar velho, claro que a gente vai morrer, mas se você deixar aquela sabedoria para outra pessoa, pra pessoa servir outras pessoas é muito importante, porque assim a pessoa que vai benzer diz assim, foi fulano que deixou para mim igual no caso meu foi a madrinha e a Livramento, aí no futuro chegar eu morrer e eu passar para outra pessoa aí a pessoa vai falar, foi a dona Lúcia que benzia muito nas pessoas e deixou pra mim,

aí se no caso outra pessoa, essa pessoa que a gente passa vai passando para outra aí de geração em geração e tá acabando, as pessoas estão ficando sem fé nas coisas, não se prontifica para nada, agora o povo que saber de farmácia, médicos essas coisas, não procuram muito assim não. Aqui comigo é difícil ter um dia para não ter um, teu pai o Dedé mesmo é um, mais também ele passa é tempo sem sentir, aí quando sente vem na hora (Dona Lúcia, 53 anos, Entrevista oral, 16/04/2024).

As benzedeadas ocupam um lugar muito importante no contexto social, pois na maioria das vezes, antes mesmo de procurar a medicina convencional, os cidadãos procuram primeiro essas mulheres com a fé de que os males se esvairão com seus rituais de cura. Apesar dos fatores essenciais reconhecidos por aqueles que as procuram, atualmente existe um grande desafio em perpetuar a prática ritualística do benzimento.

4.3 Detentoras da cura: fé, saberes e religiosidade nas benzedeadas de Piaçava

As rezadeiras, benzedeadas, são mulheres que realizam rituais de benzeduras utilizando as rezas para restabelecer a saúde do indivíduo que as procuram. É bastante comum, principalmente nas áreas rurais, como o caso do povoado Piaçava, se utilizar da medicina popular através da crença em sua funcionalidade, visto que a confiabilidade dessa prática ainda se encontra em vigor na fé das pessoas quanto às rezas. Para a saúde na educação popular dentro de diversas comunidades, as benzedeadas são vistas como alguém bastante importante na arte do curar, além promover outro meio para busca da cura, ela é vista como um bem gratuito evitando gastos com medicamentos e até mesmo por entender na sua realidade as dificuldades que se tem para o acesso ao atendimento médico (Diniz, 2018).

É certo que em nosso cotidiano tivemos um contato direto ou indireto com as benzedeadas, uma vez que as mesmas contribuem e sempre contribuíram com seus conhecimentos da medicina alternativa popular de modo a curar as pessoas dos males em que são acometidas.

As benzedeadas/rezadeiras apresentadas neste trabalho são reconhecidas por serem mulheres de muita fé cristã, que seguem a religião católica. As três residem atualmente no povoado de Piaçava, e o ofício de benzedeadas não atrapalha a vida social das mesmas. Elas relataram suas experiências e um pouco de como os rituais são realizados, apontando quais são os objetos que utilizam para a realização desses rituais, tendo em vista que, por mais que sejam os mesmos objetos, como o pano, a garrafa, o galinho de árvore, o pavio de algodão, a pedra e o tição de fogo, o que muda de uma benzedeadas para outra é cada uma possui seus próprios objetos.

Todas as benzedeadas mencionam sobre a importância dos rituais de cura para a sociedade e da forma como eles estão sendo cada vez mais esquecidos. É interessante ressaltar também como esses saberes são transmitidos e como elas os obtiveram, manifestando que a cura vem da relação natureza e fé católica.

São muito procuradas para rezarem de quebranto, arca caída, sol na cabeça, izipa, males esses, que muitas das vezes não são resolvidos pela medicina convencional, e as pessoas da comunidade por acreditarem no poder de cura dos rituais das benzedeadas, acabam procurando por elas para se curarem das enfermidades em que estão acometidos. Mas, embora a nova geração ainda acreditar no poder das rezas, não tem interesse em aprender o ofício de benzer, o que gera grande preocupação nas benzedeadas que ainda têm no povoado, pois as mesmas pontuam que já estão ficando em idade avançada, tendo até mesmo dificuldade em executar com eficiência alguns rituais, e não estão encontrando ninguém que queira aprender o conhecimento adquirido por elas, o que as fazem pensar que o ofício de benzedeadas está chegando ao fim dos seus dias.

É importante mencionar que tive experiências com duas benzedeadas na comunidade, que atualmente não praticam o ritual de cura, por adentrarem a Ciadiseta (Religião Cristã Pentecostal), mas são reconhecidas como mulheres que carregam essa sabedoria ancestral de cura nas décadas de 60, 70, e 80, sendo procurada pela comunidade local para intervir nas doenças. Uma das ex-benzedeadas é a dona Benvinda Pereira da Penha, de 95 anos, sendo a moradora mais idosa do povoado, que aprendeu com uma conhecida às práticas de rezas, no qual rezavam em seus filhos. Entretanto, ela abandonou o catolicismo após uma briga com o padre da capela, por ele não ser compressível com o barulho dos seus filhos durante a missa. Ela relata que nunca esqueceu das rezas que praticava, mas que nunca mais as praticou depois que abandonou a religião católica, por agora acreditar que são uma mera ilusão.

A outra benzedeadas é a dona Luzimar Morais Araújo, de 70 anos, que aprendeu a benzer/rezar com seus familiares, no qual se consagrou como missionária da igreja católica ainda adolescente, em que aprendeu várias rezas de curas. Ela relata que naquela época, pelas condições precárias da construção da igreja católica, a mesma caiu, ficando apenas os santos, que dona Luzimar trouxe para sua casa. Após isso, ela teve uma visão do espírito santo, falando que a mesma devia se reconciliar com a igreja Assembleia de Deus ou ela iria sofrer muito. Dessa forma, dona Luzimar jogou todos os santos fora e se reconciliou na igreja Ciadiseta, e que após esse contato, se batizou nessa doutrina e renunciou às rezas. E hoje em dia não tem mais fé nas benzedeadas e rezas, pois assim como dona Benvinda, para ela também é apenas uma ilusão.

Embora esse trabalho foque nas narrativas das três benzedeadas em exercício, busquei contato com Dona Benvinda e Dona Luzimar, que antigamente faziam parte das benzedeadas do povoado. Com isso, após a mudança de religião e adentrarem ao pentecostalismo, a prática do ritual de cura deixou de ser exercida por elas. Assim, além dos diversos fatores enfrentados pelas três benzedeadas, que estão duas em idade avançada, a conversão em outra religião implica na continuidade desse saber de forma mais ampla na comunidade.

Por meio disso, este trabalho apresenta uma tentativa de explicar sobre a contribuição do saber passado de geração das benzedeadas, uma vez que essas contribuem para nosso acervo cultural. Aqui mostramos o significado cultural e religioso das benzedeadas para as benzedeadas de Piaçava, conhecemos quem são as benzedeadas que ainda benzem no povoado, como e com quem aprenderam a benzer, conhecemos quais são os objetos usados pelas benzedeadas no ritual de benzimento e seus significados, como esses rituais ocorrem e também qual importância à benzedeadas têm no trabalho que executam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As necessidades que induzem as pessoas a buscarem uma benzedeira são distintas, o estudo mostrou que as soluções também o são, cada uma conforme as suas especificidades. As benzedeadas são vistas como uma espécie de detentoras da cura. Em que conecta o enfermo com o sagrado, utilizando-se meios tais como beber um chá amargo, uma novena e garrafada.

No contexto do povoado Piaçava, as benzedeadas Dona Neguinha, Dona Raimunda e Dona Lúcia são tidas como mulheres da cura, onde atendem às enfermidades das pessoas da comunidade, além de valorizarem esses saberes através do catolicismo, natureza e objeto sagrado. Conhecer a realidade de benzedeadas me fez refletir acerca dos saberes ancestrais e sua perpetuação na sociedade, tendo em vista que as pessoas mais jovens possuem pouco interesse em aprender esses saberes, sendo que esses rituais fazem parte da identidade dessa região, assim como em outras localidades do Brasil.

Nesse sentido, valorizo os rituais de cura das benzedeadas, pois entendo que esses saberes e práticas ancestrais perpassaram e perpassam várias gerações da minha família. Sendo uma alternativa de cura e valorização da ancestralidade. Assim, o estudo das benzedeadas trouxe outros olhares acerca das mulheres da minha comunidade, reverberando a influência do catolicismo. A partir das minhas experiências, percebe-se o reconhecimento e respeito acerca das benzedeadas da comunidade e do conhecimento tradicional que atravessa suas trajetórias de vida. Já que são as principais detentoras desses saberes no contexto atual, pautado pela sabedoria ancestral e práticas de resistências.

Por meio disso, notamos a importância que os rituais de cura possam ter na transmissão de uma tradição que se faz presente desde a fundação do povoado. Historicamente, a prática do benzimento enfrentou uma série de ameaças, preconceitos e disputas, haja vista a perseguição das mulheres no período da inquisição. Apesar de todo esse histórico, os rituais de cura atrelados aos saberes das mulheres benzedeadas de Piaçava demonstram o reconhecimento delas, enquanto pessoas detentoras da cura. Cabe ressaltar que como apontado nas narrativas orais de nossas interlocutoras, essa tradição corre sérios riscos em relação a sua transmissão e perpetuação de seus saberes, pois como destacam as benzedeadas o desinteresse dos familiares e demais integrantes em relação ao ritual acabam contribuindo para a descontinuidade dessas práticas para as gerações futuras.

Portanto, é importante evocar a ancestralidade de cura para a geração atual, como alternativa de efervescência desses saberes, assim como o reconhecimento das mulheres como detentoras e protagonistas dessa sabedoria tradicional que resiste e persiste atualmente.

5 REREFÊNCIAS

AYALA, M.; NOVAIS, M. I. **Cultura Popular no Brasil. Perspectiva de análise.** São Paulo: Ática, 2006.

AZEVEDO, T. **Plantas medicinais e benzeduras.** São Paulo, Top-livros, 1981.

BETHENCOURT, F. **O imaginário da magia: feitiçeras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI.** São Paulo: Companhias das Letras, 2004.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro.** 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil** / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos) –ed. - São Paulo: Contexto, 2004.

DEL PRIORE, M. **Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino.** In: _____ (Org). **História das mulheres no Brasil.** 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DEL PRIORE, M. VENANCIO, R. **Uma breve história do Brasil.** – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DIAS, José Yorga Queiroz. **Percepção do lugar no contexto da educação no espaço rural: vivências do Ensino de Geografia na Escola Estadual Piaçava (Nazaré-TO).** 2023. 35f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins: UFT, Araguaína, TO, 2023.

DINIZ, E. E. C. S. A arte de curar: saberes e práticas de rezadeiras e bezendeiras no cuidar da saúde. In: Conedu, 2018, Olinda. Campina grande: **Realize**, 2018. v. 1.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano. Tradução de Rogério Fernandes.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUERRIERO, S. **A magia existe?** São Paulo, Paulus, 2003.

GOMES, N. P. de M.; PEREIRA, E. A. **Assim se benze em Minas Gerais.** Juiz de Fora, Mazza/EDUFJF, 1989.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LEITÃO, C. A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise. In: PIMENTEL, M.; SANTOS, E. (Org.) **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa.** Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3). Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>. Acesso em 12 abr de 2024.

LEITE, D. A. T.; ARCHANJO, L. R. A benzeção como prática terapêutica. In: **Revista do Núcleo de Ciências Biológicas e da Saúde**, V. 01, nº 03. Curitiba, Universidade Positivo, 2008. (p. 15-19).

MACIEL, M. R. A.; GUARIM-NETO, G. O olhar das benzedeadas de Juruena (Mato Grosso) sobre as plantas usadas para benzer e curar. *Boletim do MPEG Série Antropológica*, v. Vol. 1, p. 61-77, 2006. MEGALE, N. B. **Folclore Brasileiro**. Petrópolis, Vozes, 1999.

MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. **Benzedeadas e benzedeados quilombolas - construindo identidades culturais**. *INTERAÇÕES*, v. 19, p. 3, 2018.

MYNAIO, C. de S. *et al.* **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIRANDA, C. A. C. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura**. – 3. ed. rev. ampl. E atual. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.

MOURA, E. C. D. de. **Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2009.

MOURA, E. C. D. de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. *MNEME – Revista de Humanidades*, 11(29), – jan /julho. 2011.

MORAES, L. F. R. de; FILHO, A. D. M.; DIAS, D. V. O paradigma weberiano da ação social: um ensaio sobre a compreensão do sentido, a criação de tipos ideais e suas aplicações na teoria organizacional. *Rev. Adm. Contemp.*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 57-71, June 2003.

MOTT, L. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: MELLO E SOUZA, Laura de (org). **História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.155-220.

OLIVEIRA, E. R. de. **O que é benzeção**. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, E. R. **A profanação do sagrado e a sacralização do profano**. Araraquara: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 1992.

OLIVEIRA, Victor Leonardo de Castro. **Desafios didáticos para o Ensino Médio nos anos de 2020 e 2021, na Escola Estadual do distrito de Piaçava em Nazaré-TO**. 2021. 36f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, UFT: Araguaína, TO, 2021.

QUINTANA, A. M. **A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ROQUE, J. **Rezas e benzeduras populares: Etnografia Alentejana**. Beja: Minerva Comercial, 1946.

SALES, C. M. P. **Rezadeiras: uma fé popular**. Ceará: OPSIS, 2007.

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009/out. 2009.

SOUZA, L. de M. **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TEIXEIRA, D. **Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

TEIXEIRA, F. **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2011.

THEOTHONIO, A. C. R. **Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia- PB**. Dissertação (Mestrado em História), Campina Grande, Pós-Graduação em História, UFCG, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.